

Notícias IHP 866: De Bad Bunny até Munique

(13 de fevereiro de 2026)

O boletim informativo semanal International Health Policies (IHP) é uma iniciativa da unidade de Políticas de Saúde do Instituto de Medicina Tropical de Antuérpia, na Bélgica.

Caros colegas,

Não vamos fazer disso um hábito, mas, por razões óbvias, **Benito Antonio Martínez Ocasio** (mais conhecido como «**Bad Bunny**») aparece pela segunda semana consecutiva na introdução. Provavelmente já tiveram a vossa cota-parte de análises sobre a sua atuação no intervalo do Superbowl, por isso não vamos acrescentar mais nada. No nosso tempo livre, no entanto, também nos dedicamos um pouco ao «**reforço de capacidades**» de jovens (e não tão jovens?) investigadores.

Desse ponto de vista, [Steven Nelson](#) acertou em cheio: «... *Se Bad Bunny consegue abordar a história de Porto Rico, o colonialismo, a escravatura transatlântica, a consciência hemisférica, bem como a vida contemporânea e a política em menos de 14 minutos, você consegue fazer a sua apresentação de 15 ou 20 minutos numa conferência com tempo de sobra.*» :) Numa nota relacionada, achamos que **as habilidades de dança latina** deveriam se tornar uma parte obrigatória de um [“pacote GRIPP](#) adequado para os nossos tempos de crise": nunca se sabe quando você vai acabar no palco do intervalo do Superbowl, com apenas um objetivo em mente: **“disrupção construtiva”** (e, por acaso, temos um colega com quadris como os de Elvis que seria um ótimo treinador!).

Numa nota mais séria, Bad Bunny foi sem dúvida também um bom antídoto para a multidão de **anúncios comerciais de «saúde»** com ligações financeiras às indústrias da carne bovina ou dos laticínios, à [Big Pharma](#) e a outros [“centros MAHA”](#). [“O capitalismo ainda domina o mundo”](#), e os EUA em particular. É um sucesso impressionante, pelo que podemos ver.

O que nos leva ao resto de uma semana bastante movimentada em termos de políticas globais de saúde.

Esta newsletter apresenta, entre outros, cobertura e análise sobre **mais uma ronda de negociações do PABS** em Genebra; análise final da **158^ª reunião do Conselho Executivo da OMS**; e algumas leituras sobre saúde (soberania) relacionadas com a **cimeira da União Africana** (*em curso, em Adis Abeba*). Um dos principais objetivos: combater o [“défice de saúde de 43 dólares por pessoa”](#) (com o aumento [dos apelos](#) do **CDC africano** [à eficiência](#) entre as formas de avançar). Há também a **reunião do Conselho do Fundo Global** (11-13 de fevereiro), uma [Coalizão Global para a Ação da OMS contra a Violência com Armas de Fogo](#) () e muito mais.

Este fim de semana, a **Conferência de Segurança de Munique** também acontece em, você adivinhou, Munique. O **relatório anual**, com o tema deste ano [“Sob destruição”](#), parece uma boa leitura para uma sexta-feira¹³. Ele descreve, com precisão, como *“o mundo entrou em um período de política destrutiva”*. A **Comissão Lancet sobre Ameaças Globais à Saúde no Século XXI** (apelidada de «Comissão das Comissões») também será lançada em Munique. O século^{XXI} parece repleto de ameaças globais à saúde, algumas até mesmo «existenciais». No início desta semana, outros

investigadores apontaram para a crescente probabilidade de um cenário [de «Terra estufa»](#). E uma nova [chamada para artigos da BMJ](#) visa aprofundar os determinantes geopolíticos da saúde. Uma chamada oportuna.

No entanto, deixo-vos com o meu lado positivo idiosincrático da semana: [o café tem sido associado a um envelhecimento cerebral mais lento!](#) Melhor ainda, a saúde cognitiva na velhice também é «fortemente influenciada» por [«a exposição ao longo da vida a ambientes intelectualmente estimulantes»](#) (*leitura e escrita, e aprendizagem de uma ou duas línguas*). Música para os meus ouvidos envelhecidos. (*E espero que a leitura do IHP também se qualifique como algo «intelectualmente estimulante» para vocês :)*)

PS: O artigo em destaque de hoje (veja abaixo) foi produzido por **investigadores da Rede Internacional de Investigação em Políticas de Saúde (IHP Res Net)** — uma rede colaborativa de investigação em políticas de saúde lançada em outubro de 2025. A rede planeia avaliar os impactos e a adequação de uma série de políticas internacionais de saúde em diferentes contextos de países de baixa e média renda. Não deixe de conferir a primeira contribuição deles!

Boa leitura.

Kristof Decoster

Artigo em destaque

Do multilateralismo ao bilateralismo: a estratégia «America first» está a transformar a saúde global na lei da selva?

[Delphin Kolié, Antea Paviotti](#) e [Nicola Deghaye](#) (todos investigadores da IHP Res Net)

A Guiné é menos dependente do financiamento dos EUA do que muitos outros países africanos. Como resultado, o impacto das mudanças no financiamento da saúde global na Guiné (e em países semelhantes) é frequentemente negligenciado. Em dezembro de 2025, Delphin Kolié (*Centre National de Formation et de Recherche en Santé Rurale de Maferinyah, Guiné*) entrevistou vários atores-chave envolvidos na concepção e implementação de intervenções de saúde financiadas pelos EUA na Guiné. Este blog baseia-se nessas entrevistas e apresenta as suas perspetivas e algumas das suas preocupações sobre o próximo acordo bilateral sobre saúde global entre a Guiné e os EUA. Os entrevistados descreveram consistentemente a mudança da cooperação multilateral para a bilateral como uma aplicação da «lei da selva», em que o ator mais forte estabelece as regras e o isolamento é usado para aumentar a vulnerabilidade...

- Para ler o artigo completo, consulte IHP: [Do multilateralismo ao bilateralismo: a estratégia «America first» está a transformar a Saúde Global na Lei da Selva?](#)

Destaques da semana

Estrutura da secção Destaques

- Negociações PABS (9-14 de fevereiro, Genebra) (e mais sobre PPPR/GHS)
- 158.^areunião do Conselho Executivo da OMS: análise final e cobertura
- Próximamente: Conferência de Segurança de Munique
- Reunião do Conselho do Fundo Global
- Reimaginando a saúde global/desenvolvimento/cooperação internacional...
- Cimeira da UA e saúde
- Estratégia de saúde global dos EUA, PHFFA e acordos bilaterais de saúde
- Trump 2.0
- Mais sobre a governação e o financiamento/fundos da saúde global
- Justiça e reforma fiscal global
- UHC e PHC
- DNT
- Determinantes comerciais da saúde
- Direitos sexuais e reprodutivos
- Recursos humanos para a saúde
- Saúde planetária
- Acesso a medicamentos, vacinas e outras tecnologias de saúde
- Conflito/guerra/genocídio e saúde
- Descolonizar a saúde global
- Mais alguns relatórios e artigos da semana
- Diversos

Negociações PABS (9-14 de fevereiro) e mais sobre PPPR/GHS

Os Estados-Membros da OMS reuniram-se novamente em Genebra esta semana para a 5.[a reunião do IGWG](#) - com foco no **PABS** (acesso a agentes patogénicos e partilha de benefícios). Ainda em curso.

Perspetivas sobre a saúde pública global - Podemos fazer melhor na próxima pandemia em termos de acesso equitativo às vacinas? O júri ainda está deliberando.

S Lehtimaki; [Substack Nina Schwalbe](#);

Esta publicação descreveu bem o cenário no fim de semana passado, quando uma nova ronda de PABS estava prestes a começar. «**Com apenas 10 dias restantes para negociar o Acesso a Patógenos**

e Partilha de Benefícios (PABS), não está claro se um acordo poderá ser alcançado até ao prazo final da Assembleia Mundial da Saúde em maio.»

“O principal ponto de discórdia diz respeito a se a partilha de benefícios deve ser voluntária ou obrigatória...”

HPW - Membros influentes da OMS sugerem atraso nas negociações sobre a pandemia se não houver certeza jurídica sobre as informações relativas aos agentes patogénicos

<https://healthpolicy-watch.news/powerful-who-members-hint-at-delay-in-pandemic-talks-if-equity-demands-are-ignored/>

Cobertura do primeiro dia desta ronda do PABS.

«Blocos poderosos de Estados-Membros da Organização Mundial da Saúde (OMS) salientaram na segunda-feira que não irão ceder na questão pendente do Acordo sobre Pandemias simplesmente para cumprir o prazo de maio.»

«O Grupo de Equidade e as regiões da África, Mediterrâneo Oriental e Sudeste Asiático da OMS afirmaram que queriam um sistema de Acesso a Patógenos e Partilha de Benefícios (PABS) com segurança jurídica na penúltima reunião do Grupo de Trabalho Intergovernamental (IGWG). No entanto, a União Europeia, apoiada pela França, líder do G7, apelou ao pragmatismo e à rapidez....»

PS: «Alguns países de rendimento médio-baixo também salientaram — tal como a Índia — que a partilha de benefícios deve ir «além das contribuições monetárias e doações de vacinas, diagnósticos e terapêuticas».

PS: «... A reunião do IGWG — a quinta de seis — termina no sábado e, embora estejam previstas quatro sessões noturnas, o copresidente Tovar da Silva Nunes lembrou aos delegados que o acesso da reunião a intérpretes é limitado, uma consequência dos cortes orçamentais da OMS...”. “ **Faltam 100 dias para o prazo final e, ao final das negociações desta semana, deve ficar claro se o anexo está a caminho de ser adotado em maio...” .**

Geneva Health Files - Países em desenvolvimento com biodiversidade reivindicam segurança sanitária global e exigem termos claros para reger o acesso a informações sobre patógenos e a partilha de benefícios

P Patnaik; [Geneva Health Files](https://www.genevahf.org/);

«Países em desenvolvimento exigem que a solidariedade seja incorporada no PABS.»

Atualização de quarta-feira. «... Esta semana, os países estão a discutir uma série de questões técnicas: desde a governança de bases de dados até as obrigações de acesso; das disposições e gatilhos para compartilhar benefícios até como esse sistema será governado. Observadores dizem que muitas das questões já foram discutidas em profundidade, tanto em sessões formais quanto

informais, com especialistas contribuindo para essas deliberações. “Muito do que resta a ser feito é político”, disse-nos esta semana um especialista envolvido nessas discussões...”.

“Nesta matéria, apresentamos declarações de Estados-Membros e atores não estatais. Como poderá ver, **as intervenções estão a tornar-se mais específicas à medida que estas negociações se aproximam dos detalhes**. Estamos a notar uma dinâmica animada entre os atores não estatais e como estas disputas fora da sala estão a moldar as negociações dentro dela...” Algumas coisas que observámos na análise de Patnaik:

PS: «**Grupos industriais indicaram que queriam um papel mais importante na forma como o sistema PABS irá definir a lista de agentes patogénicos com potencial pandémico...**»

PS: «**África está de volta**»: devido aos acordos bilaterais de saúde «... dos Estados Unidos, os países africanos foram vistos como mais discretos na sua participação em dezembro de 2025 e janeiro de 2026, quando o IGWG se reuniu para deliberações, disseram muitos observadores e diplomatas. **Mas esta semana, eles notaram uma articulação inequívoca e persistente dos países africanos**, vários negociadores nos disseram...»

- E via HPW – [Memorandos de entendimento em vez do multilateralismo?](#)

Entretanto, quanto ao impacto dos acordos bilaterais de saúde entre os EUA e os países africanos: «... O diretor-geral da OMS, Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, reiterou esta semana que os acordos bilaterais entre países «não são um fenómeno novo» e que não considera que os memorandos de entendimento impulsionados pelos EUA possam substituir o sistema multilateral. «Qualquer Estado-membro pode celebrar um memorando de entendimento com qualquer país que desejar. Trata-se de uma questão entre países soberanos, e eles sabem o que é melhor para os seus respetivos países», afirmou Tedros.

«**Tedros também minimizou as preocupações de que esses memorandos de entendimento prejudiquem o sistema PABS que está a ser negociado como parte do Acordo Pandémico da OMS.** «Não vejo que haja qualquer impacto nas negociações do PABS. Não estamos realmente preocupados... Pode haver acordos bilaterais e também pode haver acordos multilaterais. Não é uma coisa ou outra. Ambos podem existir sem qualquer problema.»...»

Reuters – As vacinas são uma questão de segurança nacional, afirma um responsável global pela saúde

[Reuters](#);

Hatchett, da CEPI, mais especificamente. «Ele alertou que o aumento do sentimento antivacinas em todo o mundo pode prejudicar os esforços para combater futuras pandemias.»

Fundo Pandémico (Resumo) – Projetos de prevenção, preparação e resposta a pandemias financiados pelo Fundo Pandémico na terceira convocatória de propostas

<https://www.thepandemicfund.org/news/brief/pandemic-prevention-preparedness-and-response-projects-funded-pandemic-fund-third-call>

Em 12 de fevereiro de 2026, o Conselho Administrativo do Fundo Pandémico alocou US\$ 499,6 milhões para 20 projetos em sua terceira rodada de financiamento. As subvenções estão a mobilizar mais de US\$ 4 bilhões em financiamento adicional, incluindo US\$ 1,56 bilhão em coinvestimento de recursos domésticos e US\$ 2,5 bilhões em cofinanciamento de parceiros internacionais. **Nas suas três primeiras rondas de financiamento, o Fundo Pandémico está a apoiar 128 países em seis regiões através de 67 projetos.** Destes, 91 países estão a acelerar os investimentos em capacidades nacionais e transfronteiriças para a prevenção, preparação e resposta a pandemias (PPR), e seis entidades regionais estão a reforçar as capacidades regionais de PPR que, em conjunto, abrangem 85 países. **Os 20 projetos selecionados na terceira ronda receberão financiamento para reforçar a vigilância e o alerta precoce de doenças, os sistemas laboratoriais e os profissionais de saúde.** Para obter informações detalhadas sobre a alocação de fundos e descrições dos projetos, consulte a tabela abaixo...

158.^a Reunião do Conselho Executivo da OMS (continuação): Análise final e cobertura

Começamos com uma análise geral através do HPW e do Geneva Health Files. Em seguida, continuamos com alguns dos pontos finais da agenda do Conselho Executivo da semana passada (+ análise).

HPW - Conselho Executivo da OMS adotou novas medidas de eficiência; elas serão mantidas?

<https://healthpolicy-watch.news/who-executive-board-adopted-new-efficiency-measures-can-they-stick/>

“Após discussões, negociações nos bastidores e hesitações, **o último dia da sessão do Conselho Executivo da OMS, na sexta-feira, viu um acordo sobre uma série de medidas de eficiência pequenas, mas potencialmente significativas**, destinadas a economizar tempo e dinheiro aos Estados-Membros e à agência em dificuldades financeiras na preparação e resposta aos mandatos dos Estados-Membros. **As mudanças ocorrem em meio a crescentes tensões geopolíticas e sociais entre os Estados-membros, com uma parcela cada vez maior do tempo de discussão consumida por uma série de itens altamente politizados, incluindo as guerras na Ucrânia e em Gaza, bem como os direitos sexuais e reprodutivos.** Ao mesmo tempo, o **Conselho Executivo e a Assembleia Mundial da Saúde (AMS) anual ficaram sobre carregados com um volume crescente de projetos de decisões e resoluções** — muitos deles caros de implementar e nem sempre alinhados com os planos estratégicos estabelecidos...”.

«Entre as principais reformas está uma iniciativa para simplificar os prazos e critérios para a apresentação pelos Estados-Membros de projetos de resoluções e decisões, uma medida que poderá travar a proliferação de propostas observada nos últimos anos...»

«... Outras pequenas medidas de eficiência para a próxima WHA incluem **um compromisso sobre a linguagem que aprova o envolvimento contínuo da OMS com cinco ONGs que trabalham com direitos sexuais e reprodutivos, e um plano para consolidar a discussão em torno de dois relatórios sobrepostos sobre a questão espinhosa das condições de saúde no «Território Palestino Ocupado»**

em um único item da agenda da WHA — evitando duplicações que consumiram horas do tempo da WHA desde 2024. ...»

PS: em relação ao primeiro ponto: «... O Conselho Executivo também chegou a um acordo que poupa tempo sobre outro tema frequentemente objeto de obstruções na AMS — o envolvimento da OMS com atores não estatais que trabalham com direitos sexuais e reprodutivos (SRHR). O Egito, onde o aborto é ilegal, a menos que a vida da mulher esteja em risco, e pode até ser punido com pena de prisão, há muito tempo é líder na oposição ao envolvimento da OMS com ONGs que trabalham nessa área. Este ano, isso incluiu a oposição às colaborações da OMS com cinco grupos cujos termos de compromisso com a OMS devem ser renovados este ano, como parte de um processo de revisão trienal de rotina. Os grupos incluem: Federação Internacional de Planeamento Familiar; Sociedade Americana de Medicina Reprodutiva; Family Health International; Conselho Populacional e Associação Mundial para a Saúde Sexual. ...”

Geneva Health Files - Reunião decisiva na OMS silenciosa sobre a retirada dos EUA, debate reformas de governança e compra paz instável em guerras culturais

[Geneva Health Files](#):

“Nesta edição, apresentamos um resumo das principais questões e dinâmicas que se desenrolaram na reunião do Conselho Executivo da OMS, concluída ontem à noite, 6 de fevereiro...”. Alguns excertos:

“... Apesar dos aspectos positivos, não há dúvida de que uma confluência de fatores está a tornar a governança da saúde global cada vez mais difícil, se não impossível. A geopolítica e as guerras culturais ameaçaram quase sequestrar o trabalho do Conselho. Isso só foi evitado por uma diplomacia hábil, mas não há como saber como essas pressões se revelarão na corrida para a Assembleia Mundial da Saúde e depois dela. Abaixo, unimos os pontos entre as questões e apresentamos as implicações potenciais não só para a OMS, mas também para a saúde das pessoas em geral. O uso do princípio da “soberania” está a ser cada vez mais empregado de forma seletiva por vários países em diferentes áreas políticas que buscam isenções do direito internacional, normas e diretrizes – isso terá sérias implicações para a formulação de políticas de saúde global, dizem os observadores. A soberania está a surgir *em oposição à universalidade* – que sustenta o sucesso na governança da saúde global...”.

Patnaik também discute “A retirada dos EUA e da Argentina: a balcanização do direito internacional da saúde?” e “o envolvimento com atores não estatais”.

“O Conselho também debateu uma decisão sobre o envolvimento com atores não estatais, especificamente a colaboração com entidades específicas. O item da agenda pairou como uma nuvem sobre os procedimentos durante a semana, com suspense e muitas especulações sobre se isso resultaria em um debate difícil e acalorado sobre os direitos e a saúde das mulheres, como aconteceu no passado recente, inclusive em uma reunião anterior do conselho executivo. Os países trabalharam para resolver diferenças acentuadas numa série de sessões informais até à última hora dos trabalhos da semana. A linguagem de compromisso forjada sobre a decisão foi negociada pela Noruega, entre outros...»

Relacionado: «... Embora tenha havido esforços para manter a discussão sobre SRHR técnica, as alianças transnacionais e a crescente coordenação entre grupos de extrema direita tornaram essa

luta difícil e criaram algumas alianças estranhas entre países.» ... Além das implicações imediatas para a saúde e os direitos das mulheres e meninas, para muitos, o ataque ao processo de responsabilização fundamental e negociado da OMS levanta questões mais amplas...»

E sobre as reformas de governança: “Abalados pela crise financeira e pela profunda reestruturação da OMS, os países também avaliaram o papel da organização na evolução da arquitetura global da saúde. Também aqui os países estavam divididos. Fontes afirmaram que nem todos os países acreditavam que a OMS deveria estar efetivamente no centro dessa coordenação da saúde global. “Muitos países desenvolvidos acreditam que outras agências globais de saúde devem assumir um papel mais importante”, disse um diplomata de um país em desenvolvimento sobre as discussões sobre as reformas da UN80...

Geneva Solutions - Conselho da OMS incentiva os EUA e a Argentina a avançarem com as separações antes da grande reunião

<https://genevasolutions.news/global-health/who-board-nudges-us-argentina-breakups-forward-before-big-meet>

«Antes da grande reunião da Organização Mundial da Saúde em maio, os membros do conselho podem ter concedido favores legais aos EUA e à Argentina, que estão a retirar-se da agência.»

Inclui a **opinião de G L Burci.**

“Surpreendido com as reações dentro do conselho, **Gian Luca Burci, professor adjunto de direito internacional no Instituto de Pós-Graduação de Genebra, afirma, no entanto, que a resposta moderada do conselho executivo às saídas da Argentina e dos EUA foi uma “dicotomia clássica entre direito e política”.** Apenas alguns países, incluindo Espanha, Japão e Líbano, observa ele, chegaram perto de argumentar contra a retirada da Argentina durante as discussões, preferindo proteger as suas próprias opções futuras. «**Há uma clara deferência ao que um país faz como Estado soberano, talvez não querendo tomar uma posição clara, porque hoje é a Argentina, mas amanhã posso ser eu**», diz o especialista jurídico...

Burci adverte que a reunião do conselho pode ter criado um novo precedente jurídico sobre retiradas, em oposição à posição do secretariado, com base no exemplo da Europa Oriental. «**Esses países foram mantidos na lista de membros como membros inativos. Em seguida, regressaram, pagaram uma quantia simbólica e retomaram a participação ativa.**» «... **Ao abrir a porta jurídica para a possibilidade de países deixarem a organização, num momento em que o multilateralismo está a ser desafiado, pode ser uma «ladeira escorregadia», acrescenta...**»

HPW – Argentina: Sem retirada da Organização Pan-Americana da Saúde – apesar de deixar a OMS

<https://healthpolicy-watch.news/argentina-says-its-not-withdrawing-from-pan-american-health-organization-despite-leaving-who/>

“Embora a Argentina esteja a retirar-se do órgão global da Organização Mundial da Saúde, ela pretende permanecer como membro ativo da afiliada regional da OMS, a Organização Pan-

Americana da Saúde (OPAS), disse o representante do país ao Conselho Executivo da OMS na sexta-feira. ...”

PS: “Nenhuma decisão clara sobre a resposta aos Estados-membros que se retiram: A discussão do Conselho Executivo também não resultou em uma recomendação unânime sobre se a Assembleia Mundial da Saúde deveria ‘aceitar’ ativamente a retirada da Argentina – ou como responder à retirada dos EUA em um momento em que Washington ainda deve cerca de US\$ 360 milhões em dívidas passadas. ... Embora muitos Estados-Membros da OMS na reunião do Conselho Executivo tenham salientado que os países têm o direito soberano de determinar se permanecem numa organização internacional, outros salientaram as complexidades jurídicas em torno da questão e a necessidade de uma análise mais aprofundada antes de a Assembleia Mundial da Saúde tomar uma posição em maio...»

PS: «A China descreveu a decisão dos EUA como uma falta de liderança, afirmando: «Como organização intergovernamental e internacional de saúde mais representativa e autoritária, a OMS tem uma responsabilidade significativa na governança global da saúde... Os principais países, em particular, devem dar o exemplo. Não devem tratar a OMS como algo a ser usado quando convém e abandonado quando não convém. Nem devem contornar a OMS e criar mecanismos alternativos», afirmou o delegado da China. «Os países devem aderir ao Estado de direito e não devem cumprir seletivamente as suas obrigações e compromissos internacionais, nem colocar a sua agenda política interna acima do direito internacional e dos governos.» Ao mesmo tempo, a China apelou a uma reavaliação das regras da OMS relativas à entrada e saída de Estados-Membros da organização, para as quais a constituição da OMS de 1948 previa poucas disposições...»

- Para mais informações, consulte [Stat News – China critica os EUA pela saída da OMS, acusando-os de contornar o direito internacional](#)

«A administração Trump está a colocar a política interna à frente da saúde global, sugere o enviado chinês.»

HPW - Retrocessos na nutrição materno-infantil: relatório da OMS revela

<https://healthpolicy-watch.news/who-report-maternal-and-child-health/>

“O Conselho Executivo da Organização Mundial da Saúde (OMS) enfrentou uma avaliação sombria na quinta-feira em um [relatório detalhando como o progresso global em nutrição materna, infantil e infantil estagnou ou até mesmo regrediu](#). Notavelmente, seis [metas nutricionais críticas permanecem “fora do caminho”](#), com taxas crescentes de anemia e obesidade infantil retrocedendo, ameaçando reverter anos de ganhos de desenvolvimento, de acordo com um relatório analisado pelo Conselho Executivo. ... No primeiro debate abrangente desde que os Estados-Membros se comprometeram a acelerar as ações em matéria de nutrição materna e infantil numa resolução da Assembleia Mundial da Saúde de 2025, os delegados apontaram a estagnação como uma crise sistémica de desigualdade agravada por conflitos e alterações climáticas...»

HPW – OMS abranda ritmo da estratégia de saúde indígena para garantir consentimento «significativo»

<https://healthpolicy-watch.news/who-slows-pace-on-indigenous-health-plan/>

“A Organização Mundial da Saúde (OMS) desacelerou o ritmo do desenvolvimento de um [Plano de Ação Global](#) para promover a saúde dos povos indígenas em todo o mundo, com o Conselho Executivo votando na quinta-feira para adiar a consideração final do plano até maio de 2027. O projeto de estratégia visa abordar as gritantes [desigualdades em saúde enfrentadas por muitas comunidades indígenas](#), com foco em áreas prioritárias, como acesso a serviços, reconhecimento do conhecimento tradicional e resiliência climática.”

A decisão de prorrogar o prazo do plano de saúde indígena por um ano reflete um consenso entre os Estados-Membros de priorizar a legitimidade do processo em detrimento da rapidez. Ao afastar-se da meta original de 2026, o Conselho pretende garantir o «consentimento livre, prévio e informado» das próprias populações visadas pela política — comunidades indígenas que podem ser mais difíceis de alcançar ou envolver...

- E um link: OMS - [Conselho Executivo da OMS analisa progressos na Agenda de Imunização 2030](#)

Conferência de Segurança de Munique (13-15 de fevereiro)

PS: fique atento ao lançamento da **Comissão Lancet sobre Ameaças Globais à Saúde para o século^{XXI}.**

O relatório da MS deste ano tem como tema: [«Sob destruição»](#)

«... Este ano, ele se concentra mais especificamente na crescente reação contra os princípios fundamentais da ordem pós-1945, evidente não apenas nos Estados Unidos, mas em muitas partes do mundo. Os autores também analisam os desenvolvimentos em matéria de segurança na Europa e na Ásia, bem como as mudanças nos campos do comércio e da cooperação para o desenvolvimento, onde as consequências têm sido particularmente visíveis. ...»

E, mais especificamente, no **capítulo 5**: «... Tal como o comércio global, a cooperação para o desenvolvimento e a ajuda humanitária (capítulo 5) têm estado há muito sob pressão. Confrontados com pressões económicas, campanhas de desinformação populistas e e es e uma realidade geopolítica mais competitiva, os países doadores tradicionais definiram os seus interesses nacionais de forma mais restrita. Como resultado, mesmo antes do segundo mandato de Trump, o mundo não estava no caminho certo para alcançar nenhum dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU até 2030 e muitas respostas humanitárias continuavam a receber financiamento insuficiente. No entanto, as políticas dos EUA empurraram os sistemas de desenvolvimento e humanitários, já sob pressão, para uma crise existencial. A administração Trump rejeitou os ODS, denunciando-os como «esforços globalistas». E os seus cortes orçamentais já estão a afetar as pessoas em muitos países de rendimento baixo e médio. **Como nada sugere que as lacunas deixadas serão totalmente preenchidas por doadores não tradicionais, aqueles que ainda estão comprometidos com a solidariedade para com os mais vulneráveis têm-se concentrado em reformas, tentando melhorar a eficiência e a eficácia dos sistemas de desenvolvimento e humanitários.**

PS: «... Em meio a debates recentes em muitos países doadores tradicionais, a análise sugere que nenhum ator isolado preencherá a lacuna de financiamento emergente. Embora a Arábia Saudita,

a Turquia, os Emirados Árabes Unidos, o Brasil e a China tenham se tornado mais visíveis como doadores, suas contribuições ainda estão aquém dos níveis anteriormente fornecidos pelos EUA ou pela Alemanha...»

Devex (Opinião) — Um memorando aos líderes mundiais: a segurança alimentar é a base da estabilidade global

Ban Ki Moon et al: <https://www.devex.com/news/a-memo-to-world-leaders-food-security-is-the-basis-of-global-stability-111865>

«Os líderes da Conferência de Segurança de Munique devem reconhecer que financiar a investigação e o desenvolvimento agrícola é um investimento na **segurança alimentar, na estabilidade e na paz duradoura.**»

“À medida que os líderes mundiais se reúnem na [Conferência de Segurança de Munique](#), na Alemanha, esta semana, o impacto das tensões geopolíticas nos sistemas alimentares globais é cada vez mais difícil de ignorar. Mais do que nunca, precisamos que os nossos líderes reconheçam que a estabilidade e a segurança alimentar são inseparáveis. Uma “[tempestade perfeita](#)” interligada de agitação, choques climáticos, competição por recursos, migração e aumento dos preços dos alimentos está a remodelar a segurança global. Conflitos e fome estão profundamente interligados. A insegurança alimentar pode levar à instabilidade, alimentando agitação e deslocamentos, enquanto os conflitos empurram países e regiões para a insegurança alimentar ao interromper a produção, as cadeias de abastecimento e os mercados. Em 2024, quase [140 milhões de pessoas](#) em 20 países e territórios enfrentaram insegurança alimentar causada principalmente por conflitos e instabilidade. ...”

Guardian - Os planos de segurança nacional devem adaptar-se para evitar uma «nova desordem mundial», afirma o responsável pela ONU para as alterações climáticas

<https://www.theguardian.com/environment/2026/feb/12/security-strategies-ignoring-climate-crisis-are-dangerously-narrow-un-climate-chief-says>

«As estratégias de segurança nacional que não levam em conta a crise climática são «perigosamente limitadas» e deixarão os países expostos a uma «nova desordem mundial» que ameaça com fome e conflitos, alertou o chefe da ONU para o clima. Os alertas surgiram quando uma versão preliminar da agenda principal da [conferência climática Cop31](#) omitiu qualquer menção aos combustíveis fósseis e se inclinou para os interesses dos anfitriões turcos, como gestão de resíduos e turismo.»

“Simon Stiell, secretário executivo da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, disse: “Segurança é a palavra na boca da maioria dos líderes, mas muitos se apegam a uma definição perigosamente limitada. Para qualquer líder que leve a segurança a sério, a ação climática é fundamental, pois [os impactos climáticos causam estragos em todas as populações e economias](#).» Líderes e altos funcionários de dezenas de governos reunir-se-ão em Munique neste fim de semana para uma conferência anual sobre segurança. Mas é provável que o clima tenha pouca importância na agenda, já que os países discutirão gastos militares e instabilidade global...»

Reunião do Conselho do Fundo Global (11-13 de fevereiro, em curso)

Fique atento ao **comunicado de imprensa** (entre outros).

HPW - UE promete 700 milhões de euros ao Fundo Global, reduzindo compromissos anteriores

<https://healthpolicy-watch.news/eu-pledge-to-global-fund/>

Desde o início desta semana. «A Comissão Europeia está prestes a reduzir significativamente as suas contribuições para o **Fundo Global de Combate à SIDA, Tuberculose e Malária**, pondo fim a uma tendência de décadas de aumento das contribuições para a organização multilateral de saúde.»

«De acordo com uma pesquisa da *Health Policy Watch*, a Comissão planeia comprometer-se a contribuir com 700 milhões de euros ao longo de um período de quatro anos, de 2026 a 2029, na **reunião do Conselho do Fundo Global** que começa na quarta-feira (11 de fevereiro). Como o montante total representa uma quantia menor de dinheiro por um período mais longo em comparação com compromissos anteriores, **isso significará uma redução de aproximadamente 60 milhões de euros por ano — um corte de 26,5%**. Durante o ciclo de reposição anterior, a Comissão comprometeu-se a contribuir com 715 milhões de euros ao longo de três anos, de 2023 a 2025, o que, na altura, representou um aumento de 30% em relação ao compromisso anterior...»

PS: «Sem orçamento a longo prazo para a saúde global: ... Com o QFP já sob pressão, o financiamento europeu para a saúde global enfrenta um futuro precário, suscitando receios entre os defensores da saúde de que seja retirado da lista de prioridades da estratégia a longo prazo da UE. Na sua proposta para o próximo QFP, a Comissão confirmou que não haverá «uma janela dedicada à saúde», garantindo que as dotações orçamentais sejam reservadas. Em vez disso, será dividido entre um pilar «global» e pilares «geográficos» — essencialmente contas regionais atribuídas a áreas específicas como a África Subsariana, o Médio Oriente ou a Ásia —, o que suscita preocupações quanto a um **afastamento do multilateralismo**. A Comissão argumenta que isto permite que o financiamento seja mais flexível e melhor articulado com os objetivos estratégicos da UE. Um porta-voz da Comissão afirmou que, embora não exista uma janela para a saúde na Europa Global, haverá um orçamento para a saúde no novo Fundo Europeu de Competitividade dedicado ao aumento do crescimento económico. Os críticos alertam que as contribuições para as iniciativas globais de saúde terão de acompanhar os projetos de infraestruturas, digitalização e segurança...»

Reimaginar a saúde global/desenvolvimento/cooperação internacional/...

Uma semana relativamente «tranquila» de reimaginação :)

Embora **Hickel & Varoufakis** tenham realmente algumas ideias interessantes: [Podemos ir além do modelo capitalista e salvar o clima – aqui estão os três primeiros passos](https://www.theguardian.com/inequality/2023/feb/09/we-can-go-beyond-the-capitalist-model-to-save-the-climate-and-the-worlds-poor) (Guardian)

Devex (Opinião) - As potências médias já não são coadjuvantes no desenvolvimento global

Por Nicole Goldin; <https://www.devex.com/news/middle-powers-are-no-longer-the-supporting-cast-in-global-development-111850>

«O futuro do desenvolvimento global pode depender menos das potências tradicionalmente grandes e mais da colaboração entre as potências médias.»

«... Neste espaço, surgiu um grupo diversificado e cada vez mais influente de países de «potência média», ao lado do Canadá de Carney. Em todo o sul e norte globais, da América Latina e Europa à Ásia-Pacífico, África e países do Golfo, as potências médias já não são atores periféricos na cooperação para o desenvolvimento. Estão a tornar-se centrais para que o sistema se adapte — ou se fracture ainda mais...»

“O futuro da cooperação para o desenvolvimento pode ser moldado menos pelo que as maiores potências decidirem e mais pelo que as potências médias decidirem fazer em conjunto...”

«... Três realidades defendem o avanço de uma agenda de potências médias para a cooperação e o financiamento para o desenvolvimento...»

PS: «as opiniões do autor, com base num estudo a ser publicado em breve com Irfana Khatoon intitulado «Compreender as potências médias na cooperação para o desenvolvimento», a ser publicado pela Fundação Friedrich Ebert.»

ORF - Após 2030: Defendendo os Objetivos Globais numa Era de Recuo

M Sengupta; <https://www.orfonline.org/expert-speak/after-2030-defending-the-global-goals-in-an-age-of-retreat>

«Se os ODS forem substituídos ou repensados após 2030, a tarefa mais urgente será identificar o que não deve ser perdido.»

Algumas citações:

«Os ODS tentaram conciliar a aspiração moral universal com um sistema de Estados soberanos relutantes em se comprometer com obrigações executórias. O compromisso resultante era previsível: **ambição sem força.**»

“A questão, portanto, não é se os ODS falharam — eles falharam —, mas se, em resposta a essa falha, o mundo está preparado para abandonar a ideia de que o florescimento humano é uma preocupação global comum.”

Nature (Visão do Mundo) – Como salvar o setor da ajuda humanitária: concentrar-se na prevenção de conflitos, não apenas na ajuda humanitária

R Arezki; <https://www.nature.com/articles/d41586-026-00384-4>

«Numa era de conflitos crescentes, uma abordagem de ajuda centrada apenas no desenvolvimento produzirá resultados efémeros.»

Cimeira da União Africana (11-15 de fevereiro, Adis Abeba) e saúde

Com algumas leituras e análises relacionadas (da **sociedade civil, protagonistas africanos da saúde global, think tanks...**), antes da reunião.

Mas primeiro, na agenda do CDC África: (via [CDC África](#)): «O CDC África participará na 39.^a Sessão Ordinária da Cimeira da União Africana (UA) através de uma série de compromissos de alto nível para promover a implementação da Agenda de Segurança e Soberania Sanitária de África (AHSS).» «À margem da Cimeira, o CDC África — em colaboração com Chefes de Estado, Ministros e parceiros estratégicos — convocará diálogos de alto nível centrados no financiamento sustentável da saúde, no desenvolvimento da força de trabalho na área da saúde, na saúde comunitária, na imunização, na produção local e na reforma da arquitetura global da saúde. Estes compromissos reforçam o mandato do CDC África de salvaguardar a saúde em África e fortalecer sistemas de saúde resilientes e equitativos em todo o continente...»

Sistema de saúde africano em ponto de ruptura com défice de financiamento de 66 mil milhões de dólares a coincidir com cimeira da UA

<https://www.tv47.digital/africas-health-system-at-breaking-point-as-66-billion-funding-gap-collides-with-au-summit-137334/>

Cobertura de um **webinar (sociedade civil e especialistas em saúde)** antes da cimeira da UA. «À medida que os chefes de Estado africanos chegam a Adis Abeba para a Cimeira da União Africana (UA), os defensores da saúde alertam que o continente enfrenta uma emergência financeira total — que pode redefinir a saúde pública, a estabilidade do Estado e a legitimidade política em toda a África.»

«Num **webinar de alto nível realizado na véspera da cimeira, uma coligação de organizações da sociedade civil e especialistas em saúde** declarou que o modelo de saúde africano, dependente de doadores, entrou efetivamente em colapso.

Uma queda prevista de 70% na ajuda externa, juntamente com o agravamento da crise da dívida soberana, deixou o **continente a enfrentar um défice anual de financiamento da saúde de 66 mil milhões de dólares** e o que os oradores descreveram como uma iminente «chamada de margem» sobre a segurança sanitária de África. A reunião, intitulada “**Liderança Africana para a Soberania em Saúde**”, foi organizada pela **AIDS Healthcare Foundation (AHF) África, juntamente com a AFRICA REACH, a WACI Health e a RANA**. Os apresentadores alertaram que **34 países africanos gastam agora mais com o serviço da dívid a do que com cuidados de saúde** — um desequilíbrio que, segundo eles, ameaça não só vidas, mas também a estabilidade nacional.”

«... Os dados partilhados durante a sessão pintaram um quadro sombrio. A África carrega 23% da carga global de doenças, mas representa apenas 1% dos gastos globais com saúde. Enquanto isso, os governos africanos contraem empréstimos a taxas de juro próximas a 10%, em comparação com 2% ou 3% para as nações ricas — uma disparidade que os palestrantes chamaram de «apartheid financeiro».

A crise está a ser acelerada pelo que os participantes chamaram de uma súbita «queda no financiamento». Milhares de programas apoiados pela USAID foram encerrados, os doadores europeus estão a recuar e os orçamentos nacionais para a saúde — normalmente estagnados em 7% a 8% — permanecem muito abaixo da meta de 15% prometida na Declaração de Abuja...»

PS: «Os oradores também alertaram que o subfinanciamento da saúde já não é apenas um fracasso da política social, mas um risco para a segurança. O chefe do gabinete da AHF África, Martin Matabishi, advertiu que os sistemas de saúde frágeis alimentam a instabilidade, afirmando que os líderes que dão prioridade aos credores em detrimento dos médicos estão a «escolher a fragilidade em vez do futuro». O webinar culminou com um apelo à ação feito por Tolessa Olana Daba, da AHF Etiópia, dirigido diretamente aos líderes da UA. Ele afirmou que África deve abandonar a dependência da ajuda imprevisível dos doadores e avançar de forma decisiva para o investimento na saúde e a autossuficiência.

O manifesto da coligação delineia três exigências inegociáveis: uma posição africana unificada para renegociar a dívida «odiosa» e desbloquear espaço fiscal para a saúde; a rápida operacionalização da Agência Africana de Medicamentos para apoiar a produção farmacêutica local; e uma mudança da política centrada no Estado para a «soberania centrada nas pessoas», garantindo que as comunidades que enfrentam choques de saúde causados pelo clima não sejam deixadas para trás.

E uma citação final: “Não se pode implorar para sair de um défice de saúde de US\$ 43 por pessoa. Quando os países escolhem o pagamento da dívida em vez de medicamentos que salvam vidas, isso não é mais economia — é uma acusação moral.”

Project Syndicate - África deve alcançar a soberania em saúde antes da próxima pandemia

John Nkengasong; <https://www.project-syndicate.org/commentary/africa-must-achieve-health-sovereignty-before-next-pandemic-by-john-nkengasong-2026-02>

«Após o surto da COVID-19, os Centros Africanos de Controlo de Doenças receberam um influxo de financiamento externo para reforçar a sua capacidade, facilitar a produção local de vacinas e construir redes genómicas robustas em todo o continente. Para se prepararem para a próxima pandemia, os governos africanos devem comprometer-se a apoiar estes esforços.»

«John Nkengasong considera que o continente deve estar preparado para liderar a sua própria resposta, ou corre o risco de ficar para trás na recuperação.»

Ele também volta a abordar a parceria do CDC África com a Fundação Mastercard.

Exerto: «... Uma parceria com a Fundação Mastercard (onde trabalho atualmente) tornou possível uma nova estratégia. Reeta Roy, então presidente e CEO da Fundação, abordou-nos para perguntar se mil milhões de dólares permitiriam uma resposta significativa à pandemia e, em caso afirmativo, como seria essa resposta. Depois de explicar que esses fundos nos permitiriam comprar e distribuir vacinas, fortalecer a nossa capacidade institucional e apoiar a produção local de vacinas, a Fundação comprometeu-se a investir 1,5 mil milhões de dólares [no Saving Lives and Livelihoods](#), uma parceria de três anos com o CDC África que terminou em dezembro de 2025. Esse investimento mudou drasticamente a forma como o mundo via o CDC África. De repente, ficou mais fácil angariar fundos. O Banco Mundial, que anteriormente tinha oferecido 10 milhões de dólares como parte de uma subvenção regional antes da pandemia, comprometeu-se a investir [100 milhões de dólares](#) para reforçar a preparação da saúde pública no continente. O Reino Unido seguiu-se com um financiamento de [20 milhões de libras](#) (27 milhões de dólares). Quando deixei o CDC África em maio de 2022, a organização tinha mobilizado cerca de [1,8 mil milhões](#) de dólares...»

Devex (Opinião) - África pode pagar pela sua própria saúde se escolhermos a eficiência em vez da dependência

J D Mahama, J Kaseya et al; <https://www.devex.com/news/sponsored/africa-can-pay-for-its-own-health-if-we-choose-efficiency-over-dependency-111852>

«A principal vulnerabilidade da África em matéria de saúde não é a escassez de fundos, mas sim a falta de eficiência. Para financiar a sua própria resiliência e recuperar a sua soberania, o continente não precisa de gastar mais, mas sim de gastar de forma mais inteligente.»

«... Com base no [estudo](#) recentemente publicado pelo [Centro Africano de Controlo e Prevenção de Doenças](#) sobre o financiamento da saúde no continente, [até 40%](#) das despesas com a saúde são perdidas todos os anos devido à ineficiência: planeamento fragmentado, sistemas de prestação duplicados, aquisições ineficazes, má gestão da folha de pagamentos, trabalhadores fantasmas e incentivos desalinhados. Esse nível de desperdício prejudicaria até mesmo os sistemas mais ricos...»

«... A eficiência é o novo espaço fiscal de África: agora temos as provas para reescrever o guião. De acordo com o [novo estudo](#) do CDC África, se os países africanos abordarem sistematicamente as ineficiências, poderão recuperar aproximadamente 14 dólares per capita todos os anos através de uma melhor utilização dos recursos existentes e de algumas reformas internas. Este número é transformador: em cinco anos, poderá ser suficiente para substituir [cerca de 50%](#) do atual financiamento dos doadores para a saúde em todo o continente e reduzir a dependência da ajuda externa para menos de 20% do total das despesas com a saúde...»

HPW - Com o colapso do modelo de ajuda, África está a reescrever o seu futuro na área da saúde através da «Reunião de Liderança Africana»

A A Twum-Amoah; <https://healthpolicy-watch.news/as-the-aid-model-collapses-africa-is-rewriting-its-health-future-through-the-african-leadership-meeting/>

«Na véspera da reunião anual da União Africana, os líderes precisam de garantir a segurança dos seus países, aumentando os gastos com a saúde.»

«Em 2019, os chefes de Estado africanos, liderados pelo presidente do Ruanda, Paul Kagame, convocaram a primeira Reunião de Liderança Africana (ALM) sobre Investimento na Saúde, em

Adis Abeba. Foi um momento decisivo de introspecção coletiva, em que os líderes reconheceram que África não poderia construir sistemas de saúde fortes dependentes das prioridades dos doadores ou de prazos externos. **Eles afirmaram que a saúde não é apenas uma questão de desenvolvimento e é, mas um investimento estratégico fundamental para a segurança económica, humana e o desenvolvimento a longo prazo.»**

A Declaração da ALM, adotada por unanimidade, apelou a um financiamento interno mais forte, a uma maior responsabilização mútua e a uma nova parceria entre os Ministérios da Saúde e os Ministérios das Finanças — duas instituições que, com demasiada frequência, abordavam os desafios dos cuidados de saúde a partir de perspetivas opostas. Essa base está agora a dar frutos e deve estar entre os primeiros quadros a que os decisores políticos recorrem quando enfrentam as atuais crises de financiamento e procuram soluções duradouras para os próximos anos...

“Até à data, 12 Estados-Membros da União Africana, incluindo Burundi, Quénia, Maláui, Maurícia, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Ruanda, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue, convocaram diálogos nacionais sobre financiamento da saúde no âmbito da estrutura ALM, em consonância com a Estratégia Africana para a Saúde (2016-2030). ...” «Estes diálogos, co-liderados pelos Ministérios das Finanças e da Saúde, estão a quebrar silos de longa data e a desenvolver abordagens mais coerentes para mobilizar financiamentos nacionais e mistos, dando prioridade à preparação para pandemias e aumentando a produção local e a inovação. Fundamentalmente, estão a traduzir compromissos políticos em reformas orçamentais concretas, supervisão parlamentar e responsabilidade fiscal...»

“... Ancorada na Agenda 2063 da União Africana e na sua visão de autodeterminação, a ALM tem uma visão de longo prazo da agenda de saúde de África. Ela posiciona os gastos com saúde não como um custo humanitário vulnerável a mudanças geopolíticas, mas como um pilar da resiliência económica e da segurança nacional. As ferramentas que estão a surgir do processo ALM já estão a remodelar a tomada de decisões em todo o continente. Os centros regionais de financiamento da saúde, um rastreador ALM à escala continental, o quadro de resultados da UA e novas plataformas digitais para dados de financiamento estão a introduzir níveis de transparência, coordenação e planeamento baseado em evidências que antes eram inimagináveis. ...”

Conclusão: «... Através do ALM, África começou a construir essa base — um caminho continental da vulnerabilidade à soberania, da dependência à sustentabilidade. O que resta é fortalecê-la, ampliá-la e garantir que ela traga resultados para todos os africanos.»

Nature (Editorial) — Os países africanos devem assumir o controlo da política de saúde

<https://www.nature.com/articles/d41586-026-00381-7>

«Os cortes massivos no financiamento global dos cuidados de saúde tiveram um enorme impacto no continente, mas é possível construir um sistema mais resiliente a partir de dentro.»

Foco neste editorial em “**Um Plano, Um Orçamento, Um Relatório**”. “Não há dúvida de que é disso que os países africanos precisam se quiserem realmente alcançar a cobertura universal de saúde — garantir que todos os membros das suas populações tenham acesso a esse direito humano fundamental. Mas tal abordagem nunca foi implementada em África. Algumas das razões para isso são descritas num **relatório sobre financiamento da saúde elaborado pelo Centro Africano de**

Controlo e Prevenção de Doenças (Africa CDC), a agência de saúde pública do continente com sede em Adis Abeba, publicado na semana passada. Mas se alguma vez houve um momento para colocar a ideia em prática, é agora...»

All Africa - África: Construindo sistemas de saúde para a soberania vacinal da África

Chinedu Moghalu e Nicaise Ndembí;

<https://allafrica.com/stories/202602100536.html#:~:text=These%20efforts%20sit%20alongside%20broader,in%20novel%20therapeutics%20and%20vaccines.>

«A soberania vacinal em África já não é uma ambição abstrata. É um processo em curso, baseado no Ubuntu e nas decisões políticas africanas, nas reformas institucionais e nas plataformas de distribuição emergentes. Fazer isso da maneira certa não é apenas um imperativo de saúde, mas uma necessidade económica e política. A medida do sucesso agora é a distribuição sustentada.»

CGD (blog) - Como os governos africanos responderam ao choque da ajuda em 2025

B Bedasso; <https://www.cgdev.org/blog/how-african-governments-responded-2025-aid-shock>

“Esta publicação faz uma primeira análise rápida do que os governos africanos realmente fizeram ou disseram em resposta aos cortes atuais ou iminentes na ajuda ao longo de 2025. O objetivo é mapear o tipo, o âmbito e a intensidade das respostas governamentais durante 2025, usando o ano anterior como referência...”.

“... Compilei um conjunto de dados de 442 eventos envolvendo governos que poderiam estar direta ou indiretamente ligados aos cortes na ajuda em 54 países africanos em 2024 e 2025. Um «evento» é definido como uma instância discreta e datável em que um agente governamental (por exemplo, presidente/primeiro-ministro, parlamento ou um ministério importante) toma uma medida, anuncia um plano ou faz uma declaração oficial relacionada com cortes na ajuda ou mudanças associadas no financiamento e no alinhamento geopolítico...»

“... Trata-se de um exercício indicativo e preliminar de mapeamento, e não de uma auditoria definitiva das respostas dos países. Mas, mesmo com essa ressalva, duas implicações se destacam. Primeiro, os países que mais dependem da ajuda parecem menos capazes de montar respostas soberanas oportunas e visíveis. Segundo, o sinal de resposta está fortemente inclinado para a saúde, enquanto a educação e outros investimentos de longo prazo estão amplamente ausentes do quadro de reação. Se os próximos anos trouxerem uma contração mais ampla e sustentada da APD, o risco não é apenas uma interrupção dos serviços a curto prazo, mas um precipício de capital humano a longo prazo...»

Com três recomendações.

Devex - A reestruturação dos cuidados de saúde em África deixará os pacientes a pagar a conta?

Por David Njagi; <https://www.devex.com/news/will-africa-s-health-care-reset-leave-patients-footing-the-bill-111538>

«Os sistemas de saúde africanos estão a ser forçados a uma rápida reestruturação, à medida que o financiamento dos doadores diminui. **Os governos estão a aumentar os impostos, a contrair empréstimos e a cortar serviços para fazer face à situação** — medidas que correm o risco de transferir mais custos de saúde para os pacientes.»

PS: «... Os especialistas reconheceram que impostos mais elevados e empréstimos podem ajudar os governos a pagar as contas básicas de saúde na ausência de ajuda ao desenvolvimento. Mas **um desafio maior se aproxima: financiar inovações na área da saúde, como equipamentos de diagnóstico, imagens de câncer, máquinas de diálise e novos medicamentos**. Os gastos com saúde na África devem crescer de US\$ 110 bilhões em 2023 para US\$ 260 bilhões em 2050, de acordo com os Centros Africanos de Controle e Prevenção de Doenças. ... Com o desaparecimento de grandes doadores, como o Fundo Monetário Internacional () e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), **os governos estão a ficar com o custo da aquisição de inovações na área da saúde, mesmo enquanto lutam com o elevado serviço da dívida e o espaço fiscal limitado...**»

CGD - Os cortes na ajuda não estão a levar a reformas na África Subsariana

B Clements et al ; <https://www.cgdev.org/blog/aid-cuts-are-not-leading-reforms-sub-saharan-africa>

Sobre o panorama até agora. «... Será que estes desenvolvimentos levaram os países beneficiários da ajuda a aumentar os impostos internos ou a cortar despesas de menor prioridade para compensar a diminuição dos fluxos de ajuda? Nesta publicação do blogue, examinamos as **declarações orçamentais e os anúncios de políticas de muitos países da África Subsaariana em resposta ao ambiente de financiamento externo mais restritivo**. Constatamos que **as respostas políticas foram limitadas — restritas a apenas dois dos 18 países estudados — e, quando ocorreram, concentraram-se na mobilização de recursos adicionais**. Vários países reconheceram os cortes da USAID, mas nenhum tomou medidas concretas para redefinir as prioridades de gastos em áreas de menor prioridade para proteger despesas críticas com saúde...»

Estratégia de Saúde Global dos EUA, PHFFA e acordos bilaterais de saúde

Construindo resiliência em saúde no Burundi por meio da estratégia de saúde global America First

<https://www.state.gov/releases/office-of-the-spokesperson/2026/02/building-health-resilience-in-burundi-through-the-america-first-global-health-strategy/>

(6 de fevereiro) «Em 6 de fevereiro, os Estados Unidos e o Governo do Burundi assinaram um Memorando de Entendimento (MOU) bilateral de cooperação em saúde com duração de cinco anos

que promove a Estratégia Global de Saúde America First, ao mesmo tempo que protege os americanos contra ameaças de doenças infecciosas. ... Através do MOU, em colaboração com o Congresso, o **Departamento de Estado pretende disponibilizar mais de 129 milhões de dólares nos próximos cinco anos para apoiar os esforços do Burundi no combate ao VIH/SIDA e à malária, reforçando simultaneamente a vigilância de doenças e a resposta a surtos. O Governo do Burundi compromete-se a aumentar as suas despesas internas com a saúde em 26 milhões de dólares ao longo dos cinco anos do MOU, assumindo uma maior autossuficiência no seu próprio sistema de saúde...»**

- Relacionado: HPW - EUA assinam memorando de entendimento sobre saúde com o Burundi e escolhem a Hungria como parceiro religioso

“O ritmo das assinaturas diminuiu após uma série de memorandos de entendimento assinados pelos EUA no final do ano passado no âmbito da sua “Estratégia Global de Saúde América Primeiro”. No entanto, os memorandos de entendimento sobre saúde deram lugar a uma série de acordos comerciais dos EUA, com foco em minerais críticos e raros — com pelo menos 21 memorandos de entendimento relacionados a minerais assinados nos últimos cinco meses, incluindo 11 assinados somente na semana passada, juntamente com uma reunião ministerial sobre minerais críticos, de acordo com o Departamento de Estado dos EUA. Curiosamente, os EUA também escolheram a Hungria como parceira na promoção da liberdade religiosa na África Subsaariana e no Médio Oriente...»

Os abandonados – Obrigado, mas não, obrigado

A Green; <https://theforsaken.substack.com/p/thanks-but-no-thanks>

“Nem todos estão tão entusiasmados com os novos acordos de financiamento da saúde que Washington está a firmar com países africanos.”

Excerto: «... Fiquei intrigado com **outro grupo de zambianos insatisfeitos. Entre eles estão líderes de longa data de programas de HIV que não queriam ver o seu governo assinar qualquer novo acordo com os Estados Unidos**. Na verdade, mesmo reconhecendo a assistência sem precedentes que os Estados Unidos prestaram na construção e manutenção de serviços de HIV ao longo de mais de duas décadas, **agora eles só querem que Washington vá embora**. «Esta ajuda tem sido disponibilizada há muito tempo», disse-me um líder zambiano, um veterano com duas décadas de luta contra o VIH. Ele pediu para permanecer anônimo para não entrar em conflito com o governo da Zâmbia. «Chegámos a um ponto em que, mesmo quando não precisamos de ajuda, pensamos que precisamos de ajuda.» Ele teme que as pessoas já estejam a esquecer o que a ordem do presidente Trump de suspender a ajuda externa em janeiro passado revelou, que era o quanto os países dependiam do apoio dos EUA para os seus programas de HIV...»

Devex – À medida que os EUA exportam danos ideológicos na ajuda à saúde, eis como resistir

Kent Buse et al; <https://www.devex.com/news/as-the-us-exports-ideological-harm-in-health-aid-here-s-how-to-resist-it-111849>

«À medida que a Política da Cidade do México se expande, a ajuda dos EUA agora controla valores, bem como serviços. O silêncio pode parecer estratégico, mas já está a causar danos. Aqui está uma agenda de resistência à saúde global.»

«... A recente expansão da Política da Cidade do México dos Estados Unidos marca um ponto de viragem para a saúde global e a assistência ao desenvolvimento. O que antes era uma restrição contestada aos serviços relacionados ao aborto foi transformado em um teste ideológico abrangente, aplicado em toda a ajuda externa não militar. Os danos aos sistemas de saúde causados pelo Memorando Presidencial do ano passado, que restabeleceu a Política da Cidade do México, já são evidentes, refletindo padrões bem documentados durante períodos de aplicação anteriores. Mas a questão mais fundamental agora é se os grupos de saúde global aceitarão essa mudança — ou se organizarão para resistir a ela...».

A política foi incorporada a uma nova estrutura, Promovendo o Desenvolvimento Humano na Ajuda Externa, ou PHFFA, que condiciona a ajuda dos EUA ao cumprimento da oposição ao que o governo rotula de “ideologia de género” e “ideologia de equidade discriminatória”, incluindo programas de diversidade, equidade e inclusão. Esses requisitos aplicam-se não apenas aos governos beneficiários e ONGs estrangeiras, mas também às ONGs americanas e organizações multilaterais, estendendo-se até mesmo à assistência humanitária e cobrindo US\$ 30 bilhões em “assistência”. ...”

«Responder de forma eficaz requer ação imediata — e cinco prioridades se destacam...»

Os autores traçam uma agenda prática de resposta — incluindo resistir ao excesso de conformidade desnecessária, defender práticas baseadas em evidências e sensíveis ao género e transferir o custo político da condicionalidade ideológica.

Amigos da Luta Global contra a SIDA, a Tuberculose e a Malária (Relatório) — Tornar o controlo da malária liderado pelos países uma realidade — Inovar, financiar e gerir transições sustentáveis

<https://www.theglobalfight.org/report-making-country-led-malaria-control-a-reality/>

«O nosso novo relatório, publicado em conjunto com a Malaria No More e a United to Beat Malaria, descreve os princípios e os caminhos para uma implementação bem-sucedida da Estratégia Global de Saúde America First para a malária, incluindo insights de estudos de caso de países como El Salvador, Indonésia, Moçambique, Nigéria e Tanzânia.»

Trump 2.0

TGH - A marca do presidente Trump na saúde global e nos direitos humanos

L Gostin: <https://www.thinkglobalhealth.org/article/president-trumps-mark-on-global-health-and-human-rights>

«Uma nação que deu origem a grandes conquistas sociais agora destruiu as normas e os valores da política internacional.»

Visão geral dos danos causados por Trump 2.0, do ponto de vista dos direitos humanos, apenas um ano após o início do seu segundo mandato.

Saúde pública global - A política de crueldade da administração Trump e o seu impacto na saúde global

Jane Galvão et al; <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17441692.2026.2626614>

«Este comentário aborda as principais decisões tomadas e políticas aprovadas principalmente durante os primeiros seis meses do segundo mandato de Trump nos EUA que afetam a saúde global, com ênfase nas suas implicações para o trabalho da Organização Mundial da Saúde (OMS), do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/SIDA (UNAIDS), da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e do Plano de Emergência do Presidente para o Alívio da SIDA (PEPFAR), entre outros. Destacamos as **raízes dessas decisões** e prioridades no Projeto 2025 (um plano de orientação política endossado por mais de 100 organizações de direita dos EUA) e sua articulação por meio de uma série de decretos executivos implementados de acordo com o Departamento de Eficiência Governamental dos EUA (DOGE). O Comentário também aborda as formas **como o que pode ser melhor descrito como uma política de crueldade informou as ações do governo dos EUA**, avalia o impacto que isso provavelmente terá na saúde global futura e sugere algumas das razões pelas quais a saúde global provou ser um alvo tão fácil para o novo governo dos EUA.

Devex - O relatório Aid

[Relatório sobre a ajuda](#)

(Recomendado) Atualização de fevereiro (21 p). «Documentando os impactos reais dos cortes na ajuda externa dos EUA» - Um ano depois.

Também com alguns exemplos de países.

«Um ano após o desmantelamento abrupto de grande parte da ajuda externa dos EUA, os impactos reais estão finalmente a tornar-se visíveis — muitas vezes longe das manchetes. A [última publicação especial do Relatório sobre a Ajuda](#) documenta como esses **cortes estão a remodelar vidas, serviços e sistemas** muito tempo depois do fim dos programas. Com base num **conjunto de dados agregados que abrange saúde, alimentação e agricultura, educação, governação e deslocação** — juntamente com reportagens originais no terreno publicadas também na Devex —, o relatório acompanha **348 impactos documentados em dezenas de países**. O quadro que emerge é menos sobre o encerramento isolado de programas e mais sobre falhas em cascata do sistema.»

«... Em vários países, o Relatório sobre a Ajuda documenta uma consequência amplamente subestimada dos cortes na ajuda dos EUA: o colapso ou a desestabilização dos sistemas nacionais usados para medir a fome, monitorizar as tendências de saúde e orientar a alocação de recursos. Esses sistemas, que muitas vezes estão incorporados em ministérios governamentais e são utilizados por agentes humanitários, atraem pouca atenção quando estão funcionando, mas sua ausência se torna altamente consequente à medida que as condições se deterioram...»

«... Em vários países do conjunto de dados do The Aid Report, o encerramento de um único programa produziu frequentemente efeitos muito além do seu setor original, revelando o quão fortemente integrados muitos sistemas apoiados pela ajuda se tinham tornado...»

«... O conjunto de dados do The Aid Report documenta um efeito secundário recorrente após os cortes na ajuda dos EUA: a erosão da confiança nas instituições responsáveis pela prestação de

cuidados de saúde, educação, assistência alimentar e serviços cívicos. Esta erosão resultou não só da perda dos próprios serviços, mas também da forma como os programas terminaram — muitas vezes de forma abrupta, sem explicação e sem sinais claros de que o apoio iria regressar...»

“De gratuito a pago: alguns serviços de saúde essenciais ainda existem, mas tornaram-se inacessíveis. Em vários países, as mudanças na ajuda externa dos EUA coincidiram com uma mudança consequente: serviços que antes eram gratuitos passaram a exigir cada vez mais pagamentos diretos, taxas informais ou viagens inacessíveis. Essa mudança surgiu quando os subsídios terminaram, a equipe de divulgação foi removida e as organizações parceiras se retiraram...”.

«Os programas de formação relacionados com a saúde e a segurança entraram em colapso a meio do caminho. Por fim, os dados do The Aid Report mostram que **os cortes na ajuda humanitária interromperam a formação, a orientação e os percursos profissionais relacionados com a resiliência do sistema de saúde, o emprego e a prevenção de conflitos** — deixando milhares de pessoas presas entre a aspiração e o emprego...»

- E um link: [Cidrap News — Sondagens: 90% dos americanos querem acesso à vacina e que os EUA sejam líderes globais em ciência e tecnologia](#)
“Pesquisas da Partnership to Fight Infectious Disease e da Research!America revelam **forte apoio às vacinas e ao avanço científico e tecnológico, independentemente da orientação política, com 90% e 91% dos americanos afirmado que os formuladores de políticas devem garantir o acesso às vacinas e consolidar a liderança global do país no progresso médico**, respectivamente.”

Mais sobre Governança e Financiamento/Recursos Financeiros Globais em Saúde

BMJ Public Health – Construindo resiliência: o caminho estratégico da África para a segurança sanitária na era da fragmentação

Nelson A Evaborhene et al ; <https://bmjpublichealth.bmj.com/content/4/1/e003761>

“... Este momento exige uma reimaginação estratégica do papel do CDC África. O seu mandato não pode limitar-se a respostas episódicas a emergências. Em vez disso, o **CDC África deve consolidar a sua posição como plataforma permanente para a gestão continental, incorporando a preparação para pandemias, a segurança sanitária e a cobertura universal de saúde no quadro mais amplo de governação da UA.** Para tal, **propomos cinco prioridades estratégicas** que podem consolidar a liderança do CDC África, reforçar a resiliência e garantir a capacidade do continente para moldar a governação global da saúde na era da fragmentação...»

São elas: «Institucionalizar a autoridade do CDC África na governação da UA; garantir um financiamento previsível e sustentável; integrar a responsabilidade política na preparação para pandemias; reforçar o papel de África na definição das normas globais de saúde; aprofundar as parcerias com a sociedade civil e as partes interessadas da comunidade...»

Política global – Saúde das mulheres, crianças e adolescentes em 2026: da gestão de crises à correção do sistema

R Khosla; <https://www.globalpolicyjournal.com/blog/09/02/2026/womens-childrens-and-adolescents-health-2026-crisis-management-system-correction>

“Rajat Khosla estabelece seis prioridades para levar a saúde das mulheres, crianças e adolescentes da resiliência à reforma em 2026.”

São elas: «... Estabilizar a sociedade civil como infraestrutura central de saúde... Reancorar a WCAH e a SRHR nas estruturas fiscais nacionais... ... Corrigir o subinvestimento crónico na saúde dos adolescentes... ... 4. Defender a SRHR por meio de ações políticas coordenadas... ... Investir na governança regional e na cooperação Sul-Sul... Reequilibrar o poder e a tomada de decisões em direção ao sul global».

Reuters - EUA participarão de reunião sobre composição da vacina contra a gripe, afirma funcionário da OMS

<https://www.reuters.com/business/healthcare-pharmaceuticals/us-take-part-who-meeting-influenza-vaccine-composition-agency-official-says-2026-02-11/>

«Os Estados Unidos participarão numa reunião da Organização Mundial da Saúde no final do mês para determinar a composição das próximas vacinas contra a gripe, afirmou a responsável da agência (M van Kerkhove) numa conferência de imprensa na quarta-feira...».

Global Health Advocates (Documento informativo) – A próxima pandemia testará a confiança, não apenas os sistemas de saúde

<https://www.ghadvocates.eu/the-next-pandemic-will-test-trust-not-just-health-systems/>

«Durante o seu discurso sobre o Estado da União (SOTEU) de 2025, a presidente von der Leyen enfatizou a ameaça representada pela desinformação na área da saúde, que põe em risco os progressos globais alcançados em relação a doenças como o sarampo e a poliomielite, e anunciou subsequentemente a Iniciativa de Resiliência Global em Saúde (GHRI), um novo ato não legislativo que sinaliza a ambição da UE de assumir mais uma vez a liderança na saúde global.»

«Hoje, a Global Health Advocates (GHA) publica um documento informativo que descreve por que razão a luta contra a desinformação na área da saúde e o aumento dos investimentos em I&D na saúde global para apoiar a PPR devem ser incluídos como pilares fundamentais da nova GHRI.»

Editorial da BMJ - Geopolítica da saúde global: um apelo à apresentação de artigos

J Clark et al ; <https://www.bmjjournals.org/content/392/bmj.s227>

«Fatores externos estão a forçar mudanças na arquitetura da saúde global, exigindo reformas criativas em meio a um futuro incerto.»

«... Hoje, em meio a dinâmicas de poder em constante mudança e à acirrada competição ideológica, a solidariedade global em matéria de saúde está a desaparecer rapidamente. Em vez disso, a saúde tornou-se um subproduto do poder contestado, das desigualdades estruturais e da fragmentação da governança. **Esta é a geopolítica do nosso tempo:** ela diminui a prioridade política da saúde global, ao mesmo tempo que molda profundamente o seu futuro. **Os determinantes geopolíticos** — os fatores geográficos, políticas, eventos e interesses dos países e suas relações com outros — **têm sido amplamente negligenciados na saúde, mas exigem maior atenção para que as recentes perturbações sejam mitigadas e a cooperação estratégica e a solidariedade sejam renovadas...**”.

Chamada para artigos.

Nature Health — Como alcançar a equidade na saúde global sem financiamento

Victor Mithi & Phillip Cotton; <https://www.nature.com/articles/s44360-025-00035-4>

«**Os líderes e implementadores de políticas de saúde em países de baixa e média renda (LMICs) enfrentam um dilema crescente: como sustentar o progresso em direção à equidade global em saúde e à cobertura universal de saúde em meio ao declínio repentino da assistência externa. Isso ocorreu em um contexto de inflação crescente e encargos com o serviço da dívida que já reduziram o espaço fiscal doméstico**, além de um número persistentemente alto de pessoas que pagam do próprio bolso, o que pode levar a despesas catastróficas com saúde. Os funcionários governamentais e outras partes interessadas nas políticas têm o dever de proteger os serviços de saúde essenciais e os profissionais de saúde sem adotar políticas de financiamento que agravem as dificuldades financeiras ou deixem as famílias em situação de pobreza extrema durante a doença. **Delineamos uma agenda prática para orientar as decisões nestes tempos de escassez de financiamento dos doadores.**»

Também com **seis medidas de mitigação**.

TGH - Os benefícios negligenciados da ajuda à saúde para os países doadores

I Bharali, G Yamey et al; <https://www.thinkglobalhealth.org/article/the-overlooked-benefits-of-health-aid-to-donor-countries>

«**Um estudo recente descreve como a ajuda ao desenvolvimento na área da saúde gera ganhos económicos para os países doadores.**» Com algumas conclusões de um estudo do final do ano passado (Instituto Kiel para a Economia Mundial).

NYT - Arquivos de Epstein revelam o alcance do papel de Ghislaine Maxwell no círculo de Clinton

<https://www.nytimes.com/2026/02/08/us/politics/epstein-clintons-maxwell.html?smid=nytcore-ios-share>

“A companheira de longa data de Jeffrey Epstein ajudou a aconselhar no lançamento da Clinton Global Initiative e providenciou um financiamento de US\$ 1 milhão para a iniciativa, segundo e-mails.”

“A companheira de longa data de Jeffrey Epstein, Ghislaine Maxwell, desempenhou um papel substancial no apoio à criação da Clinton Global Initiative, um dos empreendimentos mais emblemáticos do presidente Bill Clinton após deixar a Casa Branca, revelam novos documentos divulgados pelo Departamento de Justiça. A Sra. Maxwell participou nas discussões orçamentais relacionadas com a primeira conferência da Clinton Global Initiative; discutiu os desafios com os assessores de Clinton e com a Publicis Groupe, a empresa que produziu o evento inaugural; e providenciou a transferência de 1 milhão de dólares para pagar à Publicis pelo seu trabalho no «projeto Clinton», de acordo com e-mails encontrados no vasto conjunto de documentos recolhidos como parte das investigações do governo sobre o Sr. Epstein...»

«...O envolvimento da Sra. Maxwell no lançamento da Clinton Global Initiative ocorreu em 2004, antes da acusação do Sr. Epstein em 2006 e da sua confissão de culpa em 2008 por solicitação de prostituição com uma menor, e muito antes de a Sra. Maxwell, filha do magnata da mídia Robert Maxwell, ter sido condenada em 2022 a duas décadas de prisão por conspirar com o Sr. Epstein para explorar sexualmente meninas menores de idade.”

PS: «Numa declaração, a Fundação Clinton, que agora administra a Clinton Global Initiative, disse que aceitou apenas uma doação de US\$ 25.000 em 2006 de uma fundação afiliada a Epstein, o que já havia sido relatado anteriormente. A fundação disse que não tinha nenhum registro de outras contribuições financeiras à Fundação Clinton ou à Clinton Global Initiative relacionadas ao Sr. Epstein ou à Sra. Maxwell...».

Habib Benzian - O fim dos resultados alugados

[**Habib Benzian \(no Substack\)**](#)

Mais um blog maravilhoso. **«Por que razão a saúde global foi tão bem-sucedida, mas tão insustentável.»**

A partir de duas novas publicações: **“The Aid Report: US Aid Cut Impacts, One Year Later”** (O Relatório da Ajuda: Impactos do Corte da Ajuda dos EUA, Um Ano Depois), publicado pelo The Aid Report, uma nova iniciativa conjunta da Fundação Gates e da Devex - que documenta as consequências do desmantelamento abrupto da ajuda externa dos EUA em 2025. E um **importante novo estudo publicado na The Lancet Global Health**. “Esse artigo mostra, com clareza impressionante e rigor metodológico, que a ajuda oficial ao desenvolvimento nos últimos 20 anos salvou vidas em grande escala. ... A modelagem sugere que as atuais trajetórias de corte de financiamento podem resultar em dezenas de milhões de mortes adicionais até 2030...”.

O que tanto o colapso quanto as projeções de mortalidade expõem é uma economia global da saúde construída sobre resultados alugados. Os serviços funcionavam. Os dados fluíam. Os indicadores melhoravam. Vidas eram salvas. Mas os sistemas que produziam esses resultados continuavam sendo alimentados externamente. A continuidade foi confundida com durabilidade. O desempenho foi tratado como prova de sustentabilidade. No direito administrativo alemão, existe um termo preciso para essa dinâmica: **Ersatzvornahme**. Ele descreve **uma situação em que uma autoridade superior intervém para realizar uma tarefa que o órgão legalmente responsável por ela não cumpriu**. A intervenção deve ser excepcional e temporária. Na saúde global, no entanto, muitas vezes tornou-se rotina...”.

Justiça fiscal global e reforma fiscal

Project Syndicate - A democracia governará o capitalismo ou será consumida por ele?

J Stiglitz e Jayati Ghosh; <https://www.project-syndicate.org/commentary/global-corporate-tax-convention-democracy-vs-trumpian-caesarism-by-joseph-e-stiglitz-and-jayati-ghosh-2026-02>

“Joseph E. Stiglitz e Jayati Ghosh exortam o resto do mundo a salvar uma convenção fiscal global que os Estados Unidos querem inviabilizar.”

«Após um lobbying agressivo por parte da administração Trump, mais de 145 países concordaram em dar às grandes multinacionais americanas um passe livre ao abrigo das regras globais de imposto mínimo sobre as empresas que foram acordadas em 2021. Mas, para que a **democracia prevaleça sobre a oligarquia, os decisores políticos devem tributar adequadamente a riqueza extrema – e devem fazê-lo rapidamente...**»

Citação: «... Como Oswald Spengler [alertou](#) há um século sobre o colapso da democracia e a ascensão do cesarismo, “**as forças da economia monetária ditatorial**” estão a desmantelar o Estado regulador e o multilateralismo...»

Os autores concluem: «... **As regras fiscais atuais para multinacionais, concebidas na década de 1920, já não são adequadas para a economia digital de hoje. Os negociadores em Nova Iorque devem aproveitar esta oportunidade única.** Devem abandonar a ficção de que uma empresa multinacional é apenas um conjunto de entidades independentes — uma presunção que as grandes empresas utilizam para transferir lucros para jurisdições com baixos impostos, abusando assim das diretrizes da OCDE. **Uma abordagem tributária unitária está muito atrasada. A arquitetura atual priva os governos de pelo menos 240 mil milhões de dólares anualmente**, obriga as empresas locais a competir em condições desiguais e leva a impostos mais elevados sobre os trabalhadores (cujo rendimento é menos móvel), à medida que os países tentam compensar as receitas perdidas. **O rendimento global das multinacionais deve ser repartido por diferentes jurisdições com base em fatores verificáveis, como vendas e funcionários, em vez do princípio desatualizado das transações «em condições de mercado».** O texto da convenção fiscal deve refletir isso. Caso contrário, as regras atuais, profundamente falhas, tornar-se-ão arraigadas, e a busca pela “compatibilidade” com as estruturas existentes desenvolvidas na OCDE comprometerá tanto a ambição quanto os objetivos da Convenção Fiscal da ONU. O resultado seria mais um ajuste infrutífero a um sistema falho. **Para que a democracia prevaleça sobre o cesarismo, devemos tributar a riqueza extrema – e devemos fazê-lo rapidamente.**”

Forbes - Como Melinda French Gates planeia financiar programas para mulheres e raparigas que sofrem de um subfinanciamento «crónico» e «inaceitável»

<https://www.forbes.com/sites/luisakroll/2026/02/09/how-melinda-french-gates-plans-to-fund-chronically-unconscionably-underfunded-programs-for-women-and-girls/>

(Acho que devemos tributar a riqueza de forma “crónica” e “consciente” para, então, fazer o mesmo.)

«... Melinda agora tem o seu próprio dinheiro para influenciar doações de caridade como ela imagina, incluindo US\$ 12,5 bilhões que o seu ex-marido doou à Pivotal depois que ela deixou a Fundação Gates em 2024. Ela já doou pelo menos US\$ 540 milhões para outras organizações sem fins lucrativos focadas no progresso social de mulheres e meninas, chamando as questões que as afetam de «inconcebivelmente subfinanciadas». Isso inclui US\$ 14 milhões no ano passado para a National Partnership for Women & Families, US\$ 12 milhões para o National Women's Law Center Fund e pelo menos US\$ 10 milhões para várias organizações sem fins lucrativos focadas nos direitos reprodutivos das mulheres.

«... Espera-se que os americanos idosos deixem mais de US\$ 120 trilhões, a maior transferência de riqueza intergeracional de todos os tempos, e as mulheres serão as maiores beneficiárias. French Gates afirma: «Do ponto de vista filantrópico, mal posso esperar para ver o que elas farão com isso»...»

UHC & PHC

Lancet Child & Adolescent health - A necessidade global de cuidados paliativos pediátricos: a evolução do sofrimento grave relacionado com a saúde em crianças de 0 a 19 anos de 1990 a 2023

J Downing et al; [https://www.thelancet.com/journals/lanchi/article/PIIS2352-4642\(25\)00338-4/abstract](https://www.thelancet.com/journals/lanchi/article/PIIS2352-4642(25)00338-4/abstract)

«A maioria das crianças que necessitam de cuidados paliativos a nível global reside em países de rendimento baixo e médio (PRBM) com acesso limitado ou inexistente a esses cuidados, o que resulta num fardo excessivo de sofrimento. O nosso objetivo foi estimar o peso global do sofrimento grave relacionado com a saúde (SHS) entre crianças de 0 a 19 anos, de 1990 a 2023, fornecendo uma ferramenta de medição essencial para responder à necessidade de políticas e serviços de cuidados paliativos mais eficazes para crianças.»

Este novo estudo conclui que: «96% das crianças com sofrimento grave relacionado com a saúde vivem em LMICs. Integrar os cuidados paliativos na #UHC é agora uma necessidade política imperativa.»

Lancet Primary Care – Corporatização dos cuidados primários: a necessidade de uma análise crítica

L Jansen, J De Maeseneer et al; [https://www.thelancet.com/journals/lanprc/article/PIIS3050-5143\(26\)00006-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanprc/article/PIIS3050-5143(26)00006-3/fulltext)

Em toda a área dos cuidados primários, os atores corporativos estão a ganhar influência, o que reflete uma ampla corporatização dos cuidados de saúde: «a tendência geral em todo o setor dos cuidados de saúde para níveis mais elevados de controlo integrado por empresas consolidadas com fins lucrativos». Esta mudança corre o risco de remodelar os cuidados primários, passando de uma abordagem orientada para as relações e para a comunidade para uma empresa orientada para o mercado e para o lucro. Considerando a natureza financiada publicamente dos serviços de cuidados

primários na maioria dos países, este desenvolvimento é particularmente preocupante e justifica tanto uma análise crítica como um debate ético e social. Obter lucro nos serviços de cuidados de saúde primários não é problemático em si mesmo; no entanto, a prática torna-se preocupante quando a maximização dos lucros é priorizada em detrimento da prestação de serviços de saúde de alta qualidade e acessíveis, baseados nos valores e características fundamentais dos cuidados de saúde primários: centralidade na pessoa, equidade, profissionalismo, continuidade, cooperação e cuidados orientados para a comunidade e baseados na ciência...» «... **Aqui, destacamos riscos notáveis em dar espaço à corporatização na atenção primária que merecem uma investigação mais aprofundada e, eventualmente, uma reconsideração...**»

DNT

PNUD - Realizando o retorno: insights de uma década de casos de investimento em doenças não transmissíveis e saúde mental

<https://www.undp.org/publications/realizing-return-insights-decade-investment-cases-noncommunicable-diseases-and-mental-health>

“Num momento de renovada atenção política às doenças não transmissíveis (DNT), saúde mental e bem-estar, este **relatório faz um balanço de uma década de experiência com casos de investimento nacional em DNT, controlo do tabaco, saúde mental e fatores de risco relacionados em mais de 60 países desde 2015**. Desenvolvido através do **Laboratório de Aprendizagem Sul-Sul para Partilha de Conhecimento e Inovação do Fundo Health4Life**, ele examina o que esses casos de investimento mostraram, onde eles catalisaram mudanças reais e o que é necessário para superar barreiras e acelerar a implementação de recomendações baseadas em evidências...”.

«... **Países em todo o mundo relatam que os casos de investimento catalisaram reformas em três domínios**: governança multisectorial, incluindo leis, planos, políticas, mecanismos de coordenação e campanhas nacionais novos ou mais fortes; financiamento sustentável, incluindo aumento das dotações orçamentais, reforço dos impostos sobre o tabaco, o álcool e as bebidas açucaradas e alavancagem da ajuda externa; e acesso e prestação de serviços de saúde, incluindo a integração das DNT e da saúde mental nos programas de cuidados de saúde primários, cobertura universal de saúde e VIH/SIDA. **Ao mesmo tempo, nenhum país implementou todas as recomendações, e o progresso continua desigual e muito lento, dada a dimensão do fardo.**»

«... **A experiência de casos de investimento aponta para três mudanças que se reforçam mutuamente**: Primeiro, institucionalizar as prioridades das DNT e da saúde mental dentro e entre os principais sistemas governamentais... Segundo, alinhar o financiamento com a prevenção, o diagnóstico precoce e o tratamento... Terceiro, mobilizar parcerias em toda a sociedade e entre países...»

Devex – Fundação EAT encerra atividades após uma década de trabalho com sistemas alimentares

<https://www.devex.com/news/eat-foundation-to-wind-down-after-a-decade-of-food-systems-work-111875>

«Após citar mudanças no panorama dos doadores, o grupo sediado em Oslo por trás do relatório EAT-Lancet está a explorar se alguma de suas iniciativas emblemáticas pode continuar sob novos acordos.»

OMS – Uma em cada duas pessoas que enfrentam cegueira por catarata precisa de acesso a uma cirurgia que pode mudar a sua vida

<https://www.who.int/news/item/11-02-2026-one-in-two-people-facing-cataract-blindness-need-access-to-life-changing-surgery>

“A Organização Mundial da Saúde (OMS) está a exortar os países a acelerarem os esforços para garantir que milhões de pessoas que vivem com catarata tenham acesso a uma cirurgia simples para restaurar a visão – uma das intervenções mais eficazes e acessíveis para prevenir a cegueira evitável.”

«Um novo estudo publicado hoje na [revista The Lancet Global Health](#) destaca a dimensão do desafio: quase metade de todas as pessoas em todo o mundo que enfrentam cegueira relacionada com a catarata ainda precisam de acesso à cirurgia.»

“...Nas últimas duas décadas, a cobertura global da cirurgia de catarata aumentou cerca de 15%, mesmo com o envelhecimento da população e o aumento dos casos de catarata, que aumentaram a procura global. A modelagem mais recente prevê que a cobertura da cirurgia de catarata aumente cerca de 8,4% nesta década. No entanto, o progresso precisa acelerar drasticamente para atingir a meta da Assembleia Mundial da Saúde de um aumento de 30% até 2030.”

“... O estudo, que analisou relatórios de 68 estimativas de países para 2023 e 2024, mostra que a região africana enfrenta a maior lacuna, com três em cada quatro pessoas que precisam de cirurgia de catarata a permanecerem sem tratamento. As mulheres são afetadas de forma desproporcional em todas as regiões, tendo consistentemente menos acesso a cuidados de saúde do que os homens...»

Determinantes comerciais da saúde

HPW - A OMS fala sobre violência, mas não sobre armas de fogo

D Peacock et al; <https://healthpolicy-watch.news/who-talks-about-violence-but-not-firearms/>

“Há quase três décadas, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a violência como uma importante questão de saúde pública. Desde a histórica resolução da Assembleia Mundial da Saúde (AMS) de 1996, a violência tem sido enquadrada não apenas como causa de lesões e mortes, mas também como fator determinante de danos físicos, psicológicos e sociais de longo prazo, além de um fardo significativo para os sistemas de saúde pública. Durante esse período, a OMS emitiu orientações técnicas, desenvolveu estruturas de prevenção e apoiou os países no fortalecimento das respostas dos sistemas de saúde à violência contra mulheres e crianças, à violência juvenil e a outras formas de danos interpessoais. No entanto, um dos fatores mais letais da violência a nível global, as armas de fogo, continua praticamente ausente da arquitetura de governança da OMS.»

Uma análise multimétodo, intitulada [«Acompanhando a atenção da OMS à violência com armas de fogo, 2000-2025»](#), publicada na terça-feira (10 de fevereiro) por um consórcio de instituições académicas e ONGs do Norte Global e do Sul Global que trabalham com saúde pública e prevenção da violência, examinou as resoluções da AMS, as estruturas de prevenção da violência da OMS e as principais tendências institucionais ao longo de 25 anos. ... A conclusão é direta. A violência aparece repetidamente nas resoluções, estratégias e documentos técnicos da OMS. Os danos relacionados com armas de fogo não aparecem....». «Esta ausência é evidente nas resoluções da AMS, nas estruturas de prevenção emblemáticas e nas políticas nacionais que se baseiam nelas. É um ponto cego da governança com consequências práticas...».

PS: «Esta fragmentação destaca-se, dado o trabalho crescente da OMS sobre os determinantes comerciais da saúde. A OMS tem sido explícita sobre o papel do tabaco, do álcool, dos alimentos ultraprocessados e de outras indústrias na promoção da saúde precária. Documentou como as práticas corporativas moldam a exposição, o risco e a desigualdade. Também excluiu as indústrias do tabaco e das armas do seu Quadro de Envolvimento com Atores Não Estatais. No entanto, as armas de fogo continuam em grande parte ausentes da agenda dos determinantes comerciais. As armas são claramente produtos comerciais. São fabricadas, comercializadas e distribuídas por poderosas indústrias globais. O marketing, cada vez mais online e muitas vezes explorador do género, molda as normas em torno do risco e da proteção. A disponibilidade é moldada por regulamentações, comércio e escolhas de fiscalização...»

- Ver também [Geneva Solutions – A violência armada está a esgotar os sistemas de saúde. A liderança da OMS está atrasada](#) (por B Borisch et al) «É hora de a Organização Mundial da Saúde ajudar a mudar a maré para prevenir a violência armada e os seus impactos na saúde, afirma a Coalizão Global para a Ação da OMS contra a Violência Armada.»

Globalização e Saúde – Capitalizando (sobre) epidemias industriais: examinando a influência dos “Três Grandes” gestores de ativos na governança corporativa em indústrias de commodities que prejudicam a saúde

B Wood et al; <https://link.springer.com/article/10.1186/s12992-026-01194-z>

«Nas últimas décadas, os três grandes gestores de ativos (BlackRock, Vanguard, State Street) emergiram como os principais acionistas de milhares de empresas cotadas em bolsa em todo o mundo. Consequentemente, têm uma influência considerável na tomada de decisões corporativas. Este artigo teve como objetivo examinar a influência dos três grandes na governança das principais empresas em indústrias de commodities prejudiciais à saúde, responsáveis por um grande número de mortes e doenças evitáveis em todo o mundo (ou seja, epidemias industriais).»

Conclusões: «... As três grandes empresas eram as acionistas mais proeminentes nas empresas selecionadas. Em 2024, as três grandes empresas votaram esmagadoramente contra propostas que exigiam a incorporação de objetivos sociais e ambientais nas políticas e estratégias dessas empresas e votaram invariavelmente a favor de propostas que visavam aumentar os pagamentos aos acionistas e autorizar atividades políticas. A maioria (54/73) dos fundos ESG identificados das Três Grandes incluía uma ou mais das empresas identificadas, apesar dos seus produtos e práticas comprovadamente prejudiciais à saúde. Conclusão: «As Três Grandes parecem estar a reforçar a primazia dos acionistas nas indústrias de commodities prejudiciais à saúde, incluindo ao minar muitas iniciativas sociais e ambientais lideradas pelos acionistas, o que corre o risco de perpetuar as desigualdades generalizadas na saúde.»

Estatística – A pressão para transformar as grandes empresas alimentares nas novas grandes empresas tabaqueiras

<https://www.statnews.com/2026/02/06/maha-movement-using-anti-tobacco-playbook-against-big-food/>

«As empresas de tabaco moldaram os alimentos ultraprocessados. Agora, os críticos que tentam reformar o panorama alimentar estão a trabalhar a partir do manual antitabaco».

«... Os críticos estão a intensificar uma guerra de relações públicas contra os alimentos ultraprocessados, destacando a sua história com a indústria do tabaco, amplamente desacreditada, e explorando como as estratégias contra a Big Tobacco podem ser aplicadas aos alimentos. Enquanto isso, a indústria alimentar luta pela sua reputação com uma nova campanha publicitária de sete dígitos do grupo comercial Consumer Brands Association, que enfatiza os empregos que cria na indústria e os benefícios de “produtos essenciais para o dia a dia que são convenientes, acessíveis e, acima de tudo, seguros”...”

PS: «... Dada a influência da indústria do tabaco, faz sentido que um **número crescente de estudos apoie a ideia de que, tal como a nicotina, os alimentos ultraprocessados são viciantes. ...»** No entanto, em alguns casos, «as comparações entre cigarros e alimentos ultraprocessados [também] ficam aquém...»

Revista de turismo sustentável - Em todas as frentes: como acabar com o excepcionalismo da aviação

James Maclaurin et al;

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09669582.2025.2475906#d1e441>

“Argumentamos que o excepcionalismo da aviação é um problema tanto do lado da procura como do lado da oferta... ... Apesar do aumento exponencial da procura por viagens aéreas internacionais, os fabricantes de aviões alcançaram apenas um movimento linear modesto em direção a tecnologias de aviação de baixo carbono. Enquanto isso, o regime global da aviação tornou-se hábil em moldar as práticas e a cultura dos utilizadores para permitir e incentivar o consumo irrestrito de viagens aéreas. Isso influenciou a percepção do público sobre possíveis regimes regulatórios e, juntamente com a superestimação persistente da dívida técnica, impediu o uso de regulamentações semelhantes às que estão a levar com sucesso o setor automotivo a novas tecnologias de baixo carbono. Do lado da oferta, não há perspetivas realistas de alcançar uma tecnologia de aviação sustentável sem um esforço coletivo ambicioso, liderado pelo governo e apoiado pelo setor privado. Do lado da procura, as barreiras psicológicas à mudança de comportamento não serão resolvidas sem enfrentar os fatores que «criam» o consumo de viagens aéreas e aceleram artificialmente a procura.

SRHR

Lancet Obstetrics, Gynaecology & Women's Health (Editorial) – Sangramento menstrual intenso: um fardo global negligenciado

[https://www.thelancet.com/journals/lanogw/article/PIIS3050-5038\(26\)00024-5/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanogw/article/PIIS3050-5038(26)00024-5/fulltext)

«... Estudos sugerem que o sangramento menstrual intenso afeta 30 a 50% das mulheres, mas continua a ser persistentemente negligenciado e marginalizado na prática clínica, nas agendas políticas e no discurso de saúde pública...

O **editorial conclui**: «O sangramento menstrual intenso é comum, consequente e tratável. A incapacidade de abordar adequadamente este sintoma debilitante reflete não uma falta de soluções clínicas, mas uma falta de urgência. Traduzir a crescente consciencialização em ações políticas concretas, vias de cuidados acessíveis e iniciativas educativas sustentadas é agora imperativo para reduzir o fardo oculto do sangramento menstrual intenso e melhorar a vida quotidiana das mulheres e raparigas em todo o mundo.»

Recursos humanos para a saúde

Lancet (Carta) – Os profissionais de saúde no centro da transformação digital de África

A E Bassey et al ; [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(26\)00103-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(26)00103-0/fulltext)

«O lançamento da agenda de Segurança e Soberania Sanitária de África pelo Centro Africano de Controlo e Prevenção de Doenças é louvável e representa um próximo passo digno de elogio na estratégia de saúde pública africana, com a transformação digital (o quarto pilar desta agenda) declarada como a «espinha dorsal dos cuidados de saúde primários resilientes». ... Na prática, o que isso significa para os profissionais de saúde que devem se adaptar a essas novas formas de prestar cuidados e às mudanças nas formas de trabalho? Essa questão deve ocupar o centro das atenções. Assim, para que este quarto pilar cumpra sua promessa, defendemos que a força de trabalho da saúde precisa ser colocada no centro das considerações...».

“Sem investimentos deliberados nas pessoas que prestam cuidados de saúde às populações africanas, a transformação digital corre o risco de aprofundar as fragilidades existentes nos sistemas. No entanto, com investimentos deliberados, África está pronta para construir sistemas de saúde centrados nas pessoas, resilientes e sustentáveis para o seu futuro. Assim, para a realização da transformação digital e ganhos equitativos em saúde em todos os 55 Estados-Membros da União Africana, é necessária uma parceria com os profissionais de saúde e o seu empoderamento. Para apoiar este objetivo, recomendamos as ações prioritárias apresentadas no apêndice (p. 1)....»

Saúde Planetária

Guardian – Ponto de não retorno: um infernal «planeta estufa» está a aproximar-se, dizem os cientistas

<https://www.theguardian.com/environment/2026/feb/11/point-of-no-return-hothouse-earth-global-heating-climate-tipping-points>

“O aquecimento global contínuo pode definir um curso irreversível ao desencadear pontos de inflexão climáticos, mas a maioria das pessoas não tem consciência disso.”

“O aquecimento global contínuo pode desencadear pontos de inflexão climáticos, levando a uma cascata de novos pontos de inflexão e ciclos de retroalimentação, afirmaram. Isso levaria o mundo a um novo e infernal clima de “Terra estufa”, muito pior do que o aumento de temperatura de 2-3 °C que o mundo está a caminho de atingir ... A avaliação, publicada na revista One Earth, sintetizou descobertas científicas recentes sobre ciclos de retroalimentação climática e 16 elementos de inflexão....”

Guardian - Economia global deve ir além do PIB para evitar desastre planetário, alerta chefe da ONU

<https://www.theguardian.com/environment/2026/feb/09/global-economy-transformed-humanity-future-un-chief-antonio-guterres>

“Exclusivo: António Guterres afirma que os sistemas contabilísticos mundiais devem atribuir o verdadeiro valor ao ambiente.”

«A economia global deve ser radicalmente transformada para deixar de recompensar a poluição e o desperdício, alertou o secretário-geral da ONU, António Guterres. Em declarações ao Guardian após a ONU ter organizado uma reunião com os principais economistas mundiais, Guterres afirmou que o futuro da humanidade exige uma revisão urgente dos «sistemas contabilísticos existentes» que, segundo ele, estão a levar o planeta à beira do desastre...»

«... Em janeiro, a ONU realizou uma conferência em Genebra intitulada «Além do PIB», que contou com a participação de economistas seniores de todo o mundo, incluindo o Prémio Nobel Joseph Stiglitz, o importante economista indiano Kaushik Basu e a especialista em equidade Nora Lustig. O trio faz parte de um grupo criado por Guterres que tem a tarefa de conceber um novo painel de medidas de sucesso económico que leve em consideração «o bem-estar humano, a sustentabilidade e a equidade». Um relatório publicado pelo grupo no final do ano passado argumentou que, à medida que o mundo lutava contra repetidos choques globais nas últimas duas décadas, a necessidade de uma transformação económica se tornava cada vez mais urgente – desde a crise financeira de 2008 até à pandemia da Covid-19.»

PS: «Estas preocupações surgem num contexto de crescente debate nos círculos académicos, da sociedade civil e políticos sobre como criar estruturas económicas compatíveis com uma maior igualdade e sustentabilidade. Estas incluem os keynesianos verdes ou os defensores do crescimento

verde e as iniciativas pós-crescimento, incluindo a economia do donut, do bem-estar e do estado estacionário. Outros defendem o decrescimento, que enfatiza uma redução planeada das formas de produção prejudiciais e desnecessárias — especificamente nos países mais ricos — em favor de um foco nas partes socialmente benéficas da economia, como cuidados, energias renováveis e transportes públicos...»

Politico Pro - A obsessão pelo crescimento está a destruir a natureza, alertam 150 países

<https://subscriber.politicopro.com/article/eenews/2026/02/09/obsession-with-growth-is-destroying-nature-150-countries-warn-ee-00771375>

“A China, a Índia e os países da UE estavam entre os signatários de um relatório que criticava as medidas predominantes de sucesso económico.”

“Mais de 150 países, incluindo a China, a Índia e os membros da União Europeia, **assinaram um relatório que alerta que o foco no crescimento económico descontrolado está a contribuir para a destruição da biodiversidade global**. “A atividade económica insustentável e o foco no crescimento, medido pelo produto interno bruto, têm sido um fator determinante do declínio da biodiversidade... e impedem uma mudança transformadora”, **alerta um relatório da Plataforma Intergovernamental Científica e Política sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistémicos**, publicado na segunda-feira. **A IPBES é o principal órgão intergovernamental para avaliar o estado da biodiversidade**. O relatório de segunda-feira é resultado de três anos de trabalho e foi aprovado por representantes governamentais na cimeira da IPBES, que terminou no domingo em Manchester, Reino Unido...»

The Conversation - Calor sem fim: modelo climático aponta um futuro insuportável para partes da África

Oluwafemi E. Adeyeri <https://theconversation.com/heat-with-no-end-climate-model-sets-out-an-unbearable-future-for-parts-of-africa-274323>

«As pessoas costumam pensar numa onda de calor como um evento temporário, uma semana brutal de sol que eventualmente termina com uma brisa fresca. Mas, à medida que o clima muda globalmente, em partes da África, esse nível de calor está a tornar-se uma parte permanente do clima. ... Estudos mostram que a exposição da África ao calor perigoso está a aumentar rapidamente. Até agora, era difícil estimar a gravidade desse calor. Isso porque muitos modelos climáticos globais amplamente utilizados tinham dificuldade em captar os fatores locais que moldam o calor nas diversas zonas climáticas e habitats da África (trópicos húmidos, savanas secas e áreas agrícolas em rápida mudança). ... A nossa investigação descobriu que, no final do século XXI, a maioria das regiões de África deixará de ter ondas de calor ocasionais e sofrerá de calor extremo durante a maior parte do ano. O estudo mostra que, entre 2065 e 2100, muitas partes de África (exceto Madagáscar) poderão sofrer ondas de calor durante 250 a 300 dias por ano....»

Acesso a medicamentos, vacinas e outras tecnologias de saúde

Nature Africa - O CDC África insta os governos a financiar o primeiro plano de imunização em todo o continente

<https://www.nature.com/articles/d44148-026-00026-x>

«A agência afirma que a vacinação de rotina não pode mais ser mantida sem financiamento interno e uma integração mais forte nos sistemas de cuidados de saúde primários.»

«O Centro Africano de Controlo e Prevenção de Doenças (Africa CDC) definiu a sua primeira estratégia continental de imunização, apelando aos governos africanos para que tratem a vacinação de rotina como um investimento fundamental na saúde pública e assumam a responsabilidade pelo seu financiamento. A estratégia, aprovada numa reunião convocada pelo Africa CDC em novembro passado em Kigali, Ruanda, será lançada em abril durante a reunião regional da Cimeira Mundial da Saúde 2026 em Nairobi, Quénia...»

Estatística – Diretor-geral da OMS considera «antiético» o plano de testes de vacinas financiado pelos EUA

<https://www.statnews.com/2026/02/11/hepatitis-b-vaccine-trial-guinea-bissau-ethics-questioned/>

«O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde afirmou na quarta-feira que um estudo financiado pelos EUA sobre a vacina contra a hepatite B na Guiné-Bissau seria «antiético» se prosseguisse conforme planeado.» «É claro que um país soberano pode decidir o que quiser, mas, no que diz respeito à posição da OMS, não é ético prosseguir com este estudo», afirmou Tedros Adhanom Ghebreyesus durante uma conferência de imprensa da OMS...»

PS: «Tedros observou que a Guiné-Bissau tem uma alta prevalência de infecção por hepatite B, o que significa que há um risco significativo de que os recém-nascidos que não forem vacinados no ensaio possam contrair a doença. Um estudo realizado pela equipa de investigação que planeia o ensaio clínico da hepatite B revelou que quase 19% dos adultos no país eram positivos para a hepatite B. Tedros sugeriu que negar a metade das crianças e es no ensaio clínico uma intervenção que se provou ser segura e eficaz seria antiético. ...»

Editorial da Lancet - Segurança das estatinas: quando os avisos sobrevivem às evidências

[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(26\)00303-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(26)00303-X/fulltext)

Editorial da Lancet desta semana. “Mais de 30 anos após o Estudo Escandinavo de Sobrevivência com Simvastatina ter demonstrado que as estatinas salvam vidas, **o seu potencial total para a saúde pública continua por realizar**. As estatinas são subutilizadas em todo o mundo e, como resultado, milhões de pessoas continuam em risco de eventos cardiovasculares que as estatinas poderiam ajudar a prevenir...”

Conclusão: «... Os riscos não são meramente teóricos. Em países de baixa e média renda, apenas cerca de uma em cada dez pessoas elegíveis usa estatinas para prevenção primária. Em países de alta renda, menos da metade — e em alguns contextos, apenas cerca de um terço — dos adultos elegíveis são tratados. O subuso de estatinas se traduz em acidentes vasculares cerebrais, infartos do miocárdio, incapacidades, sobrecarga dos cuidadores e custos para o sistema de saúde que poderiam ser evitados. As evidências agora exigem ação. As autoridades reguladoras em todo o mundo devem rever os rótulos dos produtos com estatinas e remover ou reclassificar os danos não comprovados por evidências causais. A comunicação de segurança precisa refletir as melhores evidências disponíveis, não avisos desatualizados ou sem fundamento. Os pacientes merecem proteção tanto contra os danos dos medicamentos quanto contra os danos da comunicação imprecisa dos riscos.»

Science News – Efeitos secundários raros e perigosos de algumas vacinas contra a COVID-19 explicados

<https://www.science.org/content/article/rare-dangerous-side-effects-some-covid-19-vaccines-explained>

Com base num novo artigo publicado no NEJM. «Estudo “inovador” revela por que razão as vacinas à base de adenovírus causaram coágulos sanguíneos e hemorragias com risco de vida em algumas pessoas.»

«... Cientistas mostram como uma proteína do adenovírus desencadeia anticorpos «rebeldes» em pessoas com uma combinação infeliz de antecedentes genéticos e uma mutação específica nas suas células B produtoras de anticorpos. Em vez de atacarem uma proteína viral, os anticorpos rebeldes ligam-se ao PF4, desencadeando uma cascata perigosa...»

PS: «As novas descobertas podem ajudar a abordar as preocupações sobre o possível risco de VITT em vacinas à base de adenovírus para outras doenças. Por exemplo, uma das duas vacinas aprovadas contra o Ébola usa o mesmo adenovírus que a vacina contra a COVID-19 da J&J. As vacinas adenovirais — que são baratas de fabricar e fáceis de distribuir porque não precisam de ser armazenadas a temperaturas muito baixas — também estão a ser desenvolvidas contra a gripe, a malária, a meningite, a tuberculose e doenças emergentes, como a Nipah. «Os vetores adenovirais têm um papel importante a desempenhar na produção de novas vacinas contra patógenos de surtos e também para doenças com baixo potencial de lucro com vacinas», afirma a vacinologista Sarah Gilbert, da Universidade de Oxford, que ajudou a desenvolver a vacina da AstraZeneca. O novo estudo pode ajudar a tornar essas novas vacinas mais seguras, diz ela. É improvável que o pVII possa ser simplesmente removido do vírus, mas os cientistas podem ser capazes de projetar versões que não se assemelhem tanto ao PF4, diz Gilbert.”

Telegraph - Vacinas mais baratas contra o HPV impulsionam corrida global para eliminar o cancro do colo do útero

[Telegraph](#):

“... Agora, a queda acentuada no custo da vacina e o entendimento de que apenas uma dose é necessária para fornecer proteção vitalícia significam que ela está a ser implementada em todo o mundo em desenvolvimento.”

“A dose única é uma grande mudança e provavelmente impulsionará o futuro da vacinação contra o HPV em todo o mundo”, disse **Paul Bloem, especialista técnico sénior da Organização Mundial da Saúde (OMS)**. “A questão para os países mudou de ‘Devemos introduzir?’ para ‘Quando vamos introduzir?’” ...

PS: “A OMS lançou a sua campanha de eliminação do cancro do colo do útero como uma política de saúde pública global histórica em 2020, estabelecendo metas ambiciosas de 90-70-90 para 2030. As metas incluem 90% das meninas totalmente vacinadas contra o HPV aos 15 anos, 70% das mulheres examinadas com um teste de alto desempenho para o cancro do colo do útero aos 35 anos e novamente aos 45 anos, e 90% das mulheres com cancro do colo do útero recebendo tratamento oportuno. A **prioridade é alcançar as mulheres em países de baixa e média renda.**”

PS: «Os especialistas afirmam que a vacina contra o HPV de dose única é transformadora porque reduz para metade a complexidade da administração, diminui os custos, liberta o fornecimento limitado e torna mais viável a vacinação em grande escala nas escolas. **“Esta abordagem de dose única tem sido uma verdadeira revolução na ampliação dos programas, especialmente em países de baixo rendimento e, particularmente, em África”**, afirmou a Dra. Sandra Mounier-Jack, professora de Sistemas e Políticas de Saúde na London School of Hygiene and Tropical Medicine.”

PS: «... A vacina Gardasil tem dominado os programas desde 2011, impulsionando os primeiros programas nacionais no Ruanda, África do Sul, Uganda e Tanzânia, mas a próxima fase de expansão depende cada vez mais de vacinas chinesas de baixo custo, como a Cecolin e a Walrinvax. O Serum Institute of India também lançou a sua própria vacina produzida internamente. ... **“Quando as vacinas contra o HPV chegaram ao mercado, eram muito caras, custando facilmente cerca de US\$ 100 por dose”**, disse o Dr. Bloem. “Agora passamos de dois fabricantes para seis, e eles estão espalhados por mais continentes, incluindo Índia e China. **Essa diversificação é extremamente importante.** Com maior volume e mais opções, a **concorrência de preços naturalmente começa a surgir.”**

APA News - África do Sul lança ensaio de vacina contra o HIV desenvolvida localmente

<https://apanews.net/south-africa-launches-trial-of-locally-developed-hiv-vaccine/>

«A África do Sul iniciou os primeiros ensaios em humanos de uma vacina contra o HIV desenvolvida localmente, marcando um momento histórico na saúde global e um potencial ponto de viragem na luta de décadas contra o HIV e a SIDA. O ensaio, lançado na Cidade do Cabo na Fundação Desmond Tutu HIV, sediada no Hospital Groote Schuur, é o **primeiro estudo de vacina contra o HIV em humanos concebido e liderado inteiramente por cientistas africanos.**»

“Vinte voluntários HIV negativos já foram inscritos para ajudar os investigadores a avaliar a segurança da vacina e a sua capacidade de desencadear uma resposta imunitária. A **iniciativa está a ser conduzida pelo Conselho de Investigação Médica da África do Sul, pelo Wits Health Consortium e pela Fundação Desmond Tutu HIV, no âmbito do Consórcio BRILLIANT.** Especialistas em saúde afirmam que o ensaio representa um importante marco científico e simbólico para um continente que carrega o fardo mais pesado da epidemia...”.

The South Centre (artigo de investigação) - Resoluções do Conselho de Direitos Humanos da ONU sobre o acesso a medicamentos e o uso das flexibilidades do TRIPS: uma revisão

Por Nirmalya Syam; <https://www.southcentre.int/research-paper-228-14-january-2026/>

“Este artigo analisa quase vinte anos de trabalho do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas (UNHRC) sobre o acesso a medicamentos. O UNHRC tem repetidamente enquadrado o acesso a medicamentos como parte do direito à saúde e instado os Estados a recorrerem às flexibilidades do Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados com o Comércio (TRIPS) para tornar os tratamentos essenciais mais acessíveis. Embora o UNHRC tenha reforçado a base dos direitos humanos para a utilização dessas flexibilidades, as suas resoluções produziram poucas mudanças na prática. Os compromissos incorporados nas resoluções do UNHRC permanecem amplos e não vinculativos, deixando em vigor as profundas barreiras estruturais, incluindo cláusulas restritivas de propriedade intelectual (PI) em acordos comerciais, pressão de Estados poderosos, capacidade técnica e de produção limitada e fraca coordenação de políticas dentro dos governos. Além disso, várias resoluções recentes reafirmam o valor da proteção da PI, o que cria uma tensão que dilui o apoio do Conselho ao uso mais amplo das flexibilidades do TRIPS. **O documento conclui que a principal lacuna entre os compromissos globais em matéria de direitos humanos e as ações nacionais para promover o acesso aos medicamentos reflete escolhas políticas e barreiras estruturais, e conclui apelando a mandatos mais fortes para que os Estados revisem as barreiras ao acesso durante a Revisão Periódica Universal, a um aumento da assistência técnica do Gabinete do Alto Comissário para os Direitos Humanos, a uma maior participação da sociedade civil, a planos de ação nacionais para o direito à saúde e a um acompanhamento sistemático da implementação do TRIPS.**

TGH - Além do timerosal: preservar o acesso às vacinas em meio à crescente hesitação

P Yadav et al; <https://www.thinkglobalhealth.org/article/beyond-thimerosal-preserving-vaccine-access-amid-growing-hesitation>

«Ingredientes de vacinas, como o timerosal, têm um longo histórico de segurança. **O discurso dos EUA pode semear dúvidas perigosas entre os parceiros globais.**»

Conflito/Guerra/Genocídio e saúde

Revista Internacional Feminista de Política - Por que a Palestina é uma questão feminista: um acerto de contas com o feminismo ocidental em tempos de genocídio

Nicola Pratt et al; <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14616742.2025.2455477>

“...As intervenções aqui apresentadas tiveram origem em mesas redondas que organizámos durante as conferências anuais da Associação Britânica de Estudos Internacionais (BISA) e da Sociedade Britânica de Estudos do Médio Oriente (BRISMES) no verão de 2024. Estas **discussões tiveram como**

objetivo demonstrar por que razão a Palestina é uma questão feminista e desafiar a cumplicidade das estruturas feministas dominantes nos sistemas de opressão....”

Descolonizar a Saúde Global

Aliança para HPSR - Financiamento, fragmentação e o futuro da investigação em políticas e sistemas de saúde

Kumanan Rasanathan <https://www.linkedin.com/pulse/financing-fragmentation-future-health-policy-systems-research-rb7ee/>

“... Quanto às ameaças, embora tenha sido dada muita atenção aos efeitos da retirada da ajuda e das restrições ao espaço fiscal interno na prestação de serviços de saúde, muito menos atenção foi dada ao impacto na investigação em saúde, incluindo a HPSR. Na maioria dos países de rendimento baixo e médio-baixo, a HPSR tem dependido quase inteiramente da ajuda externa. À medida que os parceiros de desenvolvimento reduzem os orçamentos para a investigação em saúde e se afastam do foco nos sistemas de saúde, um conjunto já pequeno de financiadores está a encolher ainda mais, colocando em risco muitas instituições líderes em HPSR nos países. À medida que o financiamento externo diminui, os países terão cada vez mais necessidade de financiar eles próprios a HPSR. Esta é uma tarefa difícil numa altura em que muitos governos estão a lutar simplesmente para manter os serviços de saúde essenciais. No entanto, um pequeno número de países demonstrou nos últimos anos que o financiamento interno da HPSR é possível. A Aliança está a iniciar um trabalho específico para enfrentar este desafio, incluindo a documentação das experiências dos países e o desenvolvimento de opções práticas para apoiar o financiamento doméstico sustentável da HPSR...».

IHP (blog) – Investigação quantitativa versus qualitativa em saúde pública: um legado colonial.

Willem van de Put; <https://www.internationalhealthpolicies.org/blogs/quantitative-versus-qualitative-research-in-public-health-a-colonial-legacy/>

“Houve uma palestra interessante na última quinta-feira no ITM sobre a descolonização institucional da saúde, do conhecimento e das práticas globais. Ouvimos o Dr. Seye Abimbola, a Dra. Özge Tunçalp, Yvon Englert, Adriana Moreno Cely e Prashanth Srinivas. A sessão me fez pensar em dois pontos – como sempre intimamente ligados...”.

Mais alguns relatórios e artigos da semana

Guardian – O declínio da saúde e da educação nos países pobres prejudica o potencial de rendimento, afirma o Banco Mundial

<https://www.theguardian.com/business/2026/feb/12/declining-health-education-poor-countries-harms-earning-potential-world-bank>

“Relatório afirma que as crianças nascidas hoje poderiam ganhar 51% a mais ao longo da vida se o capital humano de seus países melhorasse.”

«A deterioração da saúde, educação e formação em muitos países em desenvolvimento está a reduzir drasticamente os rendimentos futuros das crianças nascidas hoje, afirmou o [Banco Mundial](#). Num relatório, intitulado « » (Construir capital humano onde é importante), o Banco Mundial insta os decisores políticos a concentrarem-se na melhoria dos resultados em três contextos: lares, bairros e locais de trabalho.»

“O relatório, intitulado **Building Human Capital Where it Matters** (Construindo capital humano onde é importante), constata que, **em 86 dos 129 países de baixa e média renda, a saúde, a educação ou a aprendizagem no local de trabalho declinaram entre 2010 e 2025**. Analisando as ligações com os rendimentos, o Banco Mundial afirma que as crianças nascidas hoje em países de rendimento baixo e médio poderiam ganhar 51% mais ao longo da vida se o capital humano do seu país correspondesse ao das nações com melhor desempenho e níveis de rendimento semelhantes...»

A Global 50/50 lançou o seu relatório inaugural Global Justice 50/50: Gender (In)Justice?

<https://global5050.org/2026-justice-report/>

Via Kent Buse (no LinkedIn): “Esta **análise** independente, a primeira do gênero, **avalia 171 organizações globais de direito e justiça** — incluindo tribunais, escritórios de advocacia internacionais de elite, órgãos intergovernamentais, ONGs, associações profissionais, comissões e financiadores — para examinar quem lidera, quais vozes contam e se as instituições encarregadas de defender a justiça atendem aos padrões que defendem.”

Questão-chave: As organizações globais de direito e justiça defendem a igualdade de género, a justiça e a equidade no seu trabalho e nos seus locais de trabalho?

«As conclusões são preocupantes:

- ◊ As mulheres ocupam 40% dos cargos de liderança em geral — mas os homens dominam os cargos mais altos: 71% da liderança judicial sênior e 80% da liderança em escritórios de advocacia internacionais de elite.
- ◊ 81% dos cargos mais poderosos são ocupados por cidadãos de países de alto rendimento, enquanto apenas 1% são ocupados por mulheres de países de baixo rendimento.
- ◊ Em todo o setor, as políticas no local de trabalho e as práticas de governação continuam a ficar aquém em termos de justiça, equidade e inclusão.»

Lancet Public Health (Ponto de vista) — Paralisia na saúde pública e nas políticas: quando as evidências se tornam um álibi

H Benzian et al ; [https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667\(26\)00009-5/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667(26)00009-5/fulltext)

“A saúde pública opera numa era de disponibilidade de dados e sofisticação analítica sem precedentes, mas as ações relacionadas a desafios de saúde bem estabelecidos são frequentemente

adiadas. Argumentamos que as evidências funcionam cada vez mais como um alibi — um meio de legitimar o adiamento de decisões e transferir a responsabilidade para a incerteza, em vez de servir como um guia para a tomada de decisões. Com base em experiências políticas recentes, discutimos como a expansão dos requisitos de evidências pode gerar paralisia analítica, privilegiando o refinamento em detrimento da implementação. Argumentamos que muitos desafios de saúde contemporâneos exigem ações oportunas sob conhecimento imperfeito e que os sistemas de saúde pública devem ser projetados para agir, aprender e se adaptar, em vez de esperar por uma certeza inatingível.”

Diversos

Guardian — Reino Unido e EUA atingem novos mínimos no índice global de corrupção

<https://www.theguardian.com/world/2026/feb/10/uk-and-us-sink-to-new-lows-in-global-index-of-corruption>

«A queda nas pontuações dos países na tabela anual ocorre em meio a uma «tendência preocupante» de retrocesso nas democracias estabelecidas.»

«O Reino Unido e os EUA atingiram novos mínimos num índice global de corrupção, num contexto de «tendência preocupante» de erosão das instituições democráticas por doações políticas, dinheiro em troca de acesso e perseguição estatal a ativistas e jornalistas. Especialistas e empresários **classificaram 182 países com base na sua percepção dos níveis de corrupção no setor público**, compilando uma tabela classificativa liderada pela Dinamarca, com os níveis mais baixos de corrupção, e pelo Sudão do Sul, na última posição.... O **Índice de Percepção da Corrupção**, organizado pelo **grupo ativista Transparência Internacional**, identificou uma **deterioração global geral**, com 31 países a melhorarem a sua pontuação e 50 a piorarem...»

«Em particular, o relatório identificou um retrocesso nas democracias estabelecidas, alertando que os acontecimentos durante a presidência de Donald Trump e as revelações contidas nos arquivos Epstein poderiam alimentar uma maior deterioração...»

Guardian - «A folha de coca é a própria vida»: as esperanças dos produtores andinos desvanecem-se com a manutenção da proibição global pela OMS

<https://www.theguardian.com/global-development/2026/feb/10/coca-leaf-cocaine-bolivia-colombia-sacred-indigenous-un-ban-us>

«**Sob pressão dos EUA como parte da «guerra contra as drogas»**, a OMS ainda classifica o remédio indígena sagrado como semelhante à heroína ou ao fentanil, apesar de suas muitas propriedades terapêuticas...»

TGH – Quando trabalhar demais se torna mortal

E Every (CFR); <https://www.thinkglobalhealth.org/article/when-working-too-much-becomes-deadly>

“À medida que cresce a conscientização sobre o karoshi, ou ‘morte por excesso de trabalho’, também crescem os apelos para repensar os limites do trabalho sustentável.”

Inclui uma «**geografia da exaustão**».

E conclui: “Com evidências crescentes de ensaios em todo o mundo, a **semana de trabalho de quatro dias surgiu como uma solução baseada em dados para uma crise de saúde global...**”

Governança global da saúde e governança da saúde

GPF - Como a crise de financiamento da ONU se agravará em 2026

Bodo Ellmers; [Política Global](#):

«Apenas 51 Estados-Membros da ONU pagaram em dia, 142 não pagaram.»

PS: «... **A crise financeira também reavivou propostas para que o sistema da ONU gere receitas através de tributação global.** Coincidemente, este **debate crescente coincide com as negociações sobre uma convenção-quadro sobre impostos na ONU.** O financiamento inovador poderia remodelar fundamentalmente a forma como a ONU financia bens públicos globais, tornando o financiamento mais estável e sustentável no futuro.»

CEPEI (relatório) - A tripla desconexão: poder, dinheiro e voz no sistema de desenvolvimento da ONU — mapeando influência e informalidade

<https://cepei.org/en/documents/the-triple-disconnect-power-money-and-voice-in-the-un-development-system-mapping-influence-and-informality/>

“O Sistema de Desenvolvimento da ONU está no centro da cooperação global para o desenvolvimento — não porque controla a maioria dos recursos, mas porque molda as normas, prioridades e legitimidade da ação multilateral. No entanto, por trás da arquitetura formal de conselhos, comissões e mandatos, existe uma realidade mais complexa: as decisões são cada vez mais moldadas pelo poder informal, pela influência financeira e pelo acesso desigual à influência. **Este relatório mapeia onde o poder realmente reside dentro do Sistema de Desenvolvimento da ONU, revelando como a governança funciona na prática e por que a dinâmica atual está a corroer a legitimidade num momento crítico para a reforma da ONU.**”

Entre as principais conclusões: «**A governação do desenvolvimento da ONU é definida por uma “tripla desconexão”:** a autoridade formal reside nos órgãos de governação, o controlo financeiro é detido por um punhado de grandes doadores e os países mais afetados pelo trabalho de desenvolvimento da ONU têm voz limitada a nível global.»

«**A arquitetura de financiamento molda os resultados mais do que os debates políticos:** o financiamento voluntário básico caiu para 13%, deixando a maioria dos recursos a cargo de contribuições específicas negociadas fora da supervisão formal. **A influência depende cada vez mais de mecanismos informais:** a coordenação dos doadores, o poder de redação e as consultas fechadas

moldam as decisões muito antes da realização das reuniões formais, reforçando as assimetrias estruturais no acesso e no impacto.»

ECDPM — Marca geopolítica: por que razão a «globetition» requer novas competências de marketing para a Europa

<https://ecdpm.org/work/geopolitical-branding-why-globetition-requires-new-marketing-skills-europe>

«Neste comentário convidado, **Christian Lungarotti e Carlo Alberto Pratesi** exploram em que medida uma estratégia eficaz de branding geopolítico pode ajudar a fortalecer a posição global de um país ou organização internacional e apoiar os seus objetivos económicos e políticos.»

«**A globalização está a passar por uma transformação**: anteriormente centrada principalmente na cooperação com uma lógica vantajosa para todas as partes, agora é cada vez mais caracterizada por uma componente crescente de concorrência e jogos de soma zero. **Chamamos a este novo contexto, em que a globalização é reformulada através de uma lente competitiva, «globetition».** A sua principal característica é que algumas das dinâmicas típicas da rivalidade entre grandes empresas privadas estão agora a surgir entre atores geopolíticos...»

ECDPM (Resumo) – A avaliação interpares da DAC da UE para 2025: do diagnóstico à ação

P Van Damme; <https://ecdpm.org/work/eus-2025-dac-peer-review-diagnosis-action>

«Analizando a avaliação interpares da OCDE-CAD de 2025 sobre a cooperação para o desenvolvimento da UE, Philippe van Damme destaca o **apelo do relatório para que a União mantenha o seu foco na redução da pobreza, num contexto em que a estratégia Global Gateway se orienta mais para os interesses.** »

Geneva Solutions - «O status quo não é uma opção», afirma o chefe da OMC antes de importante reunião focada em reformas

<https://genevasolutions.news/sustainable-business-finance/status-quo-is-not-an-option-says-wto-chief-ahead-of-major-meeting-focused-on-reforms>

«O chefe nigeriano da Organização Mundial do Comércio disse que a reforma há muito esperada do **órgão de 30 anos** estará em «primeiro plano» na **conferência ministerial** do próximo mês nos Camarões, enquanto este enfrenta uma crise existencial.»

Lancet Regional Health Europe (Ponto de vista) - Geopolítica e saúde pública: a Europa sob a sombra da Estratégia de Segurança Nacional dos EUA

por J Cylus & M McKee. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666776226000372>

«... Este ponto de vista analisa as implicações da Estratégia de Segurança Nacional dos EUA para 2025 para a saúde pública e os sistemas de saúde na Europa, com especial atenção para o bem-

estar, a migração, o clima e a cooperação multilateral. Uma OMS enfraquecida, um envolvimento multilateral reduzido dos EUA e relações transatlânticas mais transacionais ameaçam a segurança sanitária global. A Europa deve salvaguardar os sistemas de saúde, a equidade e a ordem global multilateral.»

Correspondência da Lancet - Novas abordagens para a cooperação global em saúde entre o Reino Unido e a China

Minghui Ren et al; [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(26\)00219-9/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(26)00219-9/fulltext)

«Uma conferência em 2025 sobre o reforço da cooperação entre o Reino Unido e a China em matéria de investigação para a saúde global em tempos de crise, organizada conjuntamente pelo Instituto de Estudos de Desenvolvimento da Universidade de Pequim, China, e pelo Centro Howard Dalton da Universidade de Warwick, Reino Unido, explorou como poderia ser um novo tipo de cooperação. Esta cooperação basear-se-ia na colaboração anterior sobre os desafios de saúde internos da China e no trabalho realizado na década de 2010, quando os dois países procuraram uma nova relação pós-ajuda...»

« ... Um novo tipo de cooperação entre o Reino Unido e a China deve ser uma resposta baseada em evidências aos desafios comuns. Há fortes argumentos a favor da cooperação em ciência e na regulamentação e governança da inovação para apoiar o acesso a tecnologias médicas acessíveis em países de baixa e média renda. A conferência identificou vários pontos de entrada para esse tipo de cooperação. ...”

GLOHRA - O duplo dividendo: por que a Alemanha deve investir em pesquisa em saúde global

https://www.globalhealth.de/fileadmin/user_upload/Documents/Argumentationshilfe/GLOHRA_Positionpaper_5_reasons_for_investing_in_global_health_research.pdf

Listando 5 razões. «... Os investimentos da Alemanha em investigação em saúde global proporcionam um duplo dividendo: salvam vidas em todo o mundo e fortalecem as posições da Alemanha e dos seus parceiros como países inovadores, credíveis e seguros...»

Devex - Taiwan posiciona-se como novo centro regional de ONGs internacionais

<https://www.devex.com/news/taiwan-positions-itself-as-new-regional-international-ngo-hub-111856>

«Alerta para a ameaça de uma potencial invasão chinesa, Taiwan recorre à colaboração com ONG como ferramenta de defesa.»

- E um link: [**UNFPA e África CDC estabelecem parceria estratégica para promover a saúde e a inovação em toda a África**](#)

«O Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA) e os Centros Africanos para o Controlo e Prevenção de Doenças (Africa CDC) assinaram hoje um memorando de entendimento (MoU) histórico para reforçar a colaboração em matéria de inovação na saúde das mulheres e adolescentes, elaboração de políticas baseadas em dados e investimento sustentável em toda a África. O acordo, assinado durante a Cimeira da União Africana de 2026 pela Sra. Diene Keita, Diretora Executiva do UNFPA, e pelo Dr. Jean Kaseya, Diretor-Geral do Africa CDC, consolida um compromisso comum para acelerar o progresso no sentido do acesso universal à saúde e aos direitos sexuais e reprodutivos (SRHR), promover a resiliência demográfica e construir sistemas de saúde resilientes e equitativos através da inovação e de parcerias estratégicas...»

Financiamento global da saúde

The Conversation - Tributação das economias informais de África: promessas e armadilhas da tecnologia

A Gawai Depi; <https://theconversation.com/taxing-africas-informal-economies-technologys-promise-and-pitfalls-275324>

«África entrou numa nova «era fiscal de desenvolvimento». À medida que o financiamento externo se esgota, muitos países africanos dependem agora mais da sua própria capacidade de angariar fundos através de impostos. Mas grande parte das economias africanas são informais, o que é amplamente considerado um obstáculo à cobrança de receitas fiscais.» «O meu trabalho recente também mostra que os países com altos níveis de informalidade tendem a arrecadar menos receitas fiscais e enfrentam outros desafios relacionados.»

“Aproximadamente 85% das pessoas em idade ativa na África Subsaariana estão empregadas informalmente. Isso torna extremamente difícil para as autoridades fiscais rastrear a atividade económica ou fazer cumprir a legislação. A informalidade torna mais difícil para os governos desenvolver as três capacidades necessárias para uma tributação eficaz: identificação, deteção e cobrança.”

“A tecnologia oferece uma resposta para todos os três desafios. Mas, como mostra a minha pesquisa, não é uma solução completa. Ferramentas mal projetadas podem amplificar os desafios existentes ou criar novas injustiças, enfraquecer a confiança e levar as pessoas de volta ao dinheiro vivo...”.

UHC & PHC

The Conversation - Saúde pública e terceirização: isso pode funcionar? Análise global apresenta algumas respostas

Z Khan et al; <https://theconversation.com/public-healthcare-and-contracting-out-can-it-work-global-review-presents-some-answers-274464>

«... A nossa equipa de investigadores na África do Sul, Brasil e Índia realizou uma revisão global das evidências, analisando mais de 80 estudos revisados por pares de todo o mundo. Queríamos

entender, em primeiro lugar, se a contratação melhorava o acesso, a qualidade e a equidade nos cuidados primários. Os sistemas de saúde baseados em cuidados primários sólidos normalmente têm um desempenho melhor. Em segundo lugar, queríamos descobrir se o envolvimento das comunidades locais na governança (concepção e monitorização) desses contratos fazia diferença...»

“A nossa análise revelou um quadro complexo. Do lado positivo, as evidências eram claras de que a contratação externa muitas vezes melhorava o acesso aos cuidados primários. Isso era particularmente verdadeiro em áreas periféricas ou remotas, onde o alcance e os recursos do Estado eram limitados. No entanto, o impacto na qualidade do serviço era muito menos claro. Quanto à questão da comunidade, a nossa pesquisa descobriu que, quando as comunidades tinham voz ativa na concepção e monitorização dos contratos, os resultados eram melhores. Isso ajudava a melhorar o acesso e a tornar os serviços mais responsivos às necessidades locais...»

Plos GPH - Um mergulho profundo na avaliação de tecnologias de saúde no Brasil: estrutura, políticas e processos

<https://journals.plos.org/globalpublichealth/article?id=10.1371/journal.pgph.0005914>

Por Mohammed Alkhaldi et al.

Preparação e resposta a pandemias/Segurança sanitária global

Plos GPH - Construindo sistemas de preparação: Estudos globais sobre governança institucional e agências nacionais de saúde pública

S D Sasie et al ;

<https://journals.plos.org/globalpublichealth/article?id=10.1371/journal.pgph.0005427>

“As emergências de saúde pública continuam a ser uma ameaça persistente à segurança sanitária global, com a pandemia da COVID-19 a expor fraquezas críticas mesmo em sistemas de saúde avançados. As agências nacionais de saúde pública (NPHAs), particularmente os institutos nacionais de saúde pública (NPHIs), surgiram como atores centrais na coordenação das funções de **preparação e resposta**. No entanto, a maturidade institucional, o financiamento e a integração subnacional continuam desiguais, especialmente em países de baixa e média renda. Esta revisão de escopo consolida evidências sobre governança, arranjos institucionais, desenvolvimento da força de trabalho, financiamento e determinantes transversais que moldam a preparação e a resposta a emergências de saúde pública...”

CEPI e Coreia discutem o futuro da cooperação internacional em saúde impulsionada pela IA

<https://cepi.net/cepi-and-korea-discuss-future-ai-driven-international-health-cooperation>

“Seminário realizado na Assembleia Nacional discutiu a ligação estratégica entre a tecnologia de IA e a Ajuda Oficial ao Desenvolvimento (ODA) na área da saúde. A CEPI espera que a Coreia

desempenhe um papel de liderança na nova plataforma de IA, Pandemic Preparedness Engine. Consenso alcançado entre o governo coreano, a Assembleia Nacional, organizações internacionais e a indústria para expandir a ODA na área da saúde habilitada por IA.”

«... o evento foi organizado para explorar novos modelos de cooperação na área da saúde que pudessem aproveitar a IA para ir além dos métodos tradicionais de ajuda e reforçar o papel da Coreia na investigação e desenvolvimento de vacinas e na preparação para pandemias...»

PS: «O Dr. Hatchett apresentou o Pandemic Preparedness Engine, uma nova plataforma revolucionária de IA que será uma característica fundamental da próxima estratégia da CEPI. O Engine integrará vários conjuntos de dados numa única plataforma segura para que os cientistas identifiquem se um patógeno tem potencial pandémico e proponham potenciais projetos de vacinas candidatas. ...»

Via boletim informativo da RANI – re CEPI

<https://mailchi.mp/rani/a-moment-of-choice-resilience-action-playbook-12-feb?e=da8439b1d4>

“A CEPI lançou a sua primeira Política de Biossegurança e FAQ, que estabeleceu abordagens para identificar e reduzir os riscos de biossegurança e bioproteção em todas as suas pesquisas financiadas. Também anunciou uma colaboração com a Samsung Biologics para fortalecer a produção de vacinas preparadas para surtos e a preparação global para pandemias por meio de uma parceria ampliada de capacidade de fabricação e tecnologia. **Fique atento ao lançamento do Caso de Investimento 3.0 da CEPI.**”

Saúde planetária

Notícias sobre alterações climáticas - O chefe da COP31 critica o retrocesso climático, mas rejeita o foco prioritário nos combustíveis fósseis

<https://www.climatechanews.com/2026/02/12/cop31-chief-slams-climate-backsliding-but-rejects-priority-focus-on-fossil-fuels/>

«Após uma primeira reunião estratégica da COP31, o ministro do Ambiente da Turquia, Murat Kurum, afirmou que iria «salvaguardar as prioridades de desenvolvimento» dos países em desenvolvimento.»

«... quando questionado sobre a dependência do próprio país dos combustíveis fósseis, ele disse que era importante manter um equilíbrio entre o crescimento e as ações climáticas nos países em desenvolvimento...»

Ciência (Fórum de Políticas) – Usando os mercados para se adaptar às alterações climáticas

<https://www.science.org/doi/10.1126/science.aea7431>

«A investigação mostra se e quando os mercados podem ajudar a limitar os danos causados pelas alterações climáticas.»

Economia Ecológica – Economia ecológica radical: um paradigma do sul global

David Barkin et al; <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0921800926000248>

“A Economia Ecológica Radical é uma forma mais adequada de colaboração com as comunidades do Sul Global. Ela transcende as premissas conceituais e metodológicas da Economia Ecológica, integrando realidades que não são comumente consideradas, mas que existem e resistemativamente em todo o mundo. O texto aborda três áreas principais:...”

PIK - As alterações climáticas podem reduzir para metade as áreas adequadas para a criação de gado bovino, ovino e caprino até 2100

<https://www.pik-potsdam.de/en/news/latest-news/climate-change-could-halve-areas-suitable-for-cattle-sheep-and-goat-farming-by-2100>

E mesmo essa é uma estimativa bastante conservadora, em termos de tempo, segundo alguns outros...

“Um novo estudo realizado pelo Instituto Potsdam para a Investigação do Impacto Climático (PIK) mostra que os sistemas de pastagem baseados em pastagens – que atualmente cobrem um terço da superfície da Terra e representam o maior sistema de produção do mundo – sofrerão uma forte contração à medida que as temperaturas globais aumentarem. Dependendo do cenário analisado, 36-50% das terras com condições climáticas adequadas para pastagem hoje sofrerão uma perda de viabilidade até 2100, afetando mais de 100 milhões de pastores e até 1,6 mil milhões de animais de pastagem. **O estudo, publicado hoje na revista científica PNAS, identifica um «espaço climático seguro» para a pastagem de bovinos, ovinos e caprinos.** Até à data, estes sistemas agrícolas têm prosperado dentro de certos intervalos de temperatura (de -3 a 29 °C), precipitação e e (entre 50 e 2627 milímetros por ano), humidade (de 39 a 67 por cento) e velocidade do vento (entre 1 e 6 metros por segundo). **«As alterações climáticas irão alterar e reduzir significativamente estes espaços a nível global, deixando menos espaços para os animais pastarem. ...»**

Doenças infecciosas e DTN

NYT - Quatro meses presos num hospital por causa de um método obsoleto de tratamento da sua doença

<https://www.nytimes.com/2026/02/12/health/tb-sanitarium-cameroon.html>

«Os profissionais de saúde nos países em desenvolvimento sabem que **isolar pacientes com tuberculose** é uma prática ultrapassada e potencialmente prejudicial, mas **não têm recursos para abandoná-la.**»

“... O modelo de tratamento da tuberculose em sanatórios — **confinar as pessoas em isolamento por um longo período** — foi declarado obsoleto nos Estados Unidos e em outros países de alta renda há cerca de 60 anos. Ele permaneceu na Europa Oriental até 15 anos atrás, mas **ainda é usado em alguns países de baixa renda na África e na Ásia, onde os sistemas de saúde carecem de recursos para atualizar políticas, treinar novamente a equipe ou enviar profissionais de saúde comunitários para ajudar os pacientes em casa.**”

“**Nos últimos 15 anos, a Organização Mundial da Saúde tem afirmado que os pacientes com tuberculose não devem ser isolados, confinados ou hospitalizados, a menos que estejam gravemente doentes.** Estudos mostram que o tratamento da TB seria mais bem-sucedido se fosse feito em casa, pois os pacientes teriam melhor saúde mental e estariam menos expostos a outras infecções. E a dura realidade sobre o risco de infecção é que, quando as pessoas são diagnosticadas, provavelmente já expuseram suas famílias e colegas de trabalho. Após apenas alguns dias de tratamento, a contagem de bactérias cai drasticamente, portanto não há mais risco em mantê-las entre a família após o diagnóstico...»

«**Mas os esforços para que as diretrizes atualizadas sejam adotadas em todos os lugares têm sido prejudicados por interrupções e reduções no financiamento internacional para o tratamento da tuberculose...**»

Com foco nos Camarões aqui.

DNT

Lancet - Obesidade adulta e risco de infecções graves: um estudo multicohorte com estimativas da carga global

Solja T Nyber et al; [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(25\)02474-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(25)02474-2/fulltext)

«A obesidade em adultos tem sido associada a infecções específicas, mas as evidências em todo o espectro de doenças infecciosas continuam escassas. **Neste estudo multicohort com modelagem de impacto, examinamos a associação entre esse fator de risco evitável e a incidência, hospitalizações e mortalidade de 925 doenças infecciosas bacterianas, virais, parasitárias e fúngicas, e estimamos seu impacto global e regional atribuível...**»

- [Comentário relacionado da Lancet: Os encargos mutuamente reforçados da obesidade e das infecções](#)
- Relacionado [Cobertura do Guardian - Pessoas com obesidade têm 70% mais chances de serem hospitalizadas ou morrerem por infecção, revela estudo](#)

“**Pessoas que vivem com obesidade têm 70% mais chances de serem hospitalizadas ou morrerem por causa de uma infecção, com uma em cada dez mortes relacionadas a infecções globalmente ligadas à condição, sugere a pesquisa.**”

“Ter um peso não saudável aumenta significativamente o risco de doenças graves e morte por causa da maioria das doenças infecciosas, incluindo gripe, pneumonia, gastroenterite, infecções do trato urinário e Covid-19, de acordo com um estudo com mais de 500.000 pessoas. **A obesidade já pode ser um fator em até 600.000 das 5,4 milhões de mortes (11%) por doenças infecciosas a cada ano**, descobriram os pesquisadores...”.

Lancet Public Health (Ponto de vista) Repensar os sistemas de saúde para combater o isolamento social e a fragilidade

Fereshteh Mehrabi, et al; [https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667\(25\)00324-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667(25)00324-X/fulltext)

«As populações em envelhecimento enfrentam encargos crescentes decorrentes da fragilidade e do isolamento social, dois desafios de saúde pública inter-relacionados que aumentam o risco de demência, hospitalização e mortalidade. Apesar do potencial de intervenção dos sistemas de saúde, a coocorrência de fragilidade e isolamento social continua a ser negligenciada nas políticas, na investigação e nos cuidados de saúde de rotina, levando a respostas fragmentadas e insuficientes. Barreiras estruturais (por exemplo, obstáculos culturais e linguísticos, baixa literacia em saúde, navegação complexa no sistema, restrições financeiras, isolamento geográfico e coordenação de cuidados) limitam ainda mais o acesso. **Neste ponto de vista, destacamos quatro prioridades para enfrentar esses desafios: (1) triagem em cuidados primários e agudos; (2) cuidados médicos e sociais integrados; (3) prescrição social; e (4) políticas e pesquisas com foco na equidade dentro das estratégias de envelhecimento...»**

Plos GPH - Explorando as percepções das partes interessadas sobre iniciativas de apoio entre pares na gestão da diabetes em países de rendimento baixo e médio: um estudo de inquérito online

<https://journals.plos.org/globalpublichealth/article?id=10.1371/journal.pgph.0005840>

Por Bishal Gyawali et al.

Nature Medicine - Soluções práticas para a gestão do peso nos cuidados primários

Nerys Astbury & E Morris; <https://www.nature.com/articles/s41591-026-04205-z>

«Os dados sugerem que as práticas de cuidados primários podem ajudar a proporcionar um controlo de peso eficaz — mas apenas com estratégias de implementação robustas que reconheçam as realidades e pressões dos contextos de cuidados primários.»

Plos Med - O impacto da definição de obesidade da Comissão Lancet na sua prevalência e implicações nos resultados cardiovasculares, renais e metabólicos a longo prazo em asiáticos orientais: Estudo observacional de duas coortes comunitárias

David T. W. Lui, et al;

<https://journals.plos.org/plosmedicine/article?id=10.1371/journal.pmed.1004749>

«A Comissão Lancet propôs uma atualização em janeiro de 2025 sobre a definição de obesidade, que requer pelo menos uma medição antropométrica além do índice de massa corporal (IMC) para confirmar o excesso de adiposidade. Além disso, a presença de disfunção orgânica relacionada à obesidade é usada para diferenciar entre obesidade clínica e pré-clínica. **Avaliámos como a aplicação da definição de obesidade proposta pela Comissão Lancet, que exigia uma medição antropométrica adicional para verificar o excesso de adiposidade, afetaria a sua prevalência e as suas implicações na saúde cardiovascular, renal e metabólica...»**

E um link:

- Carta da Lancet - [Estratégia do Maláui para as doenças não transmissíveis na infância](#)

Determinantes sociais e comerciais da saúde

Revista Internacional de Determinantes Sociais da Saúde e Serviços de Saúde - Saúde fóssil: desconstruindo a relação entre saúde e energia para reimaginar um futuro viável

Laila Vivas et al; <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/27551938261419437>

«Numa era de crise socioecológica, as narrativas culturais dominantes do Antropoceno reforçam paradoxalmente uma profunda dependência dos combustíveis fósseis. Estes sistemas moldam profundamente a vida moderna, incluindo as nossas conceções mais fundamentais de saúde. **Este artigo argumenta que as conceções sociais de saúde no Norte Global são constituídas e limitadas por paradigmas alimentados por combustíveis fósseis.** Para analisar este bloqueio, **propomos a Saúde Fósseis como uma ferramenta conceptual concebida para mostrar como a dependência dos combustíveis fósseis perpetua noções produtivistas e insustentáveis de saúde.** Ao aplicar esta lente através de uma integração da ecologia política, sociologia e saúde pública, traçamos as suas manifestações nos sistemas de saúde, políticas, comportamentos e práticas diárias. **Em última análise, transcender este ciclo é essencial para reimaginar relações mais equitativas e ecologicamente sintonizadas entre a sociedade, a natureza e a saúde.**

PS: «... a saúde no Antropoceno deve ser entendida não como um substantivo estático, mas como um verbo ativo, ecoando a expressão de Lynn Margulis e Dorion Sagan «a vida como verbo» (p. 14). É tanto um produto do seu ambiente como um modelador da sociedade, profundamente enraizado no seu ambiente material e cultural. Reconhecer que os nossos imaginários de saúde — como concebemos a saúde e as suas causas — contribuem para a crise socioecológica abre caminhos essenciais para a transformação. **Neste contexto, apresentamos o quadro Fossil Health para analisar como os imaginários de saúde estão interligados com os sistemas energéticos e orientar a exploração de possibilidades para modos de vida mais sustentáveis e equitativos...»**

BMJ (blog) - À porta fechada: o lobby da indústria do tabaco na UE visa enfraquecer as políticas de saúde em todo o mundo

[BMJ Controlo do tabaco](#):

«Um novo relatório, *Behind Closed Doors: How the Tobacco Lobby Influences the European Union and Beyond (Atrás de portas fechadas: como o lobby do tabaco influencia a União Europeia e além)*, expõe a escala e as táticas do lobby coordenado e bem financiado da indústria do tabaco no centro da tomada de decisões na União Europeia (UE) e o seu foco atual em aumentar a disponibilidade dos produtos viciantes e nocivos da indústria. Com base na análise dos registos de transparência da UE, outros registos públicos e extensos pedidos de liberdade de informação (FOI), a nossa análise revela um esforço concertado das empresas de tabaco — particularmente da Philip Morris International (PMI) — para influenciar a política da UE e alavancar o poder diplomático e comercial da UE para minar políticas muito além das fronteiras da Europa. ...»

Saúde mental e bem-estar psicossocial

P Marquez — Bem-estar com IA: o que é possível, os riscos e a necessidade imperativa de investir na saúde cerebral

[P Marquez](#):

«Nesta publicação, reflito sobre as promessas e os riscos da IA para a saúde mental e o bem-estar dos indivíduos em sociedades já pressionadas pela incerteza económica, fragmentação social e rápidas mudanças tecnológicas. Em todas as evidências analisadas, surge uma mensagem consistente: a IA não diminui a importância das capacidades humanas — ela intensifica a sua relevância. A curiosidade, o pensamento crítico e a autorregulação tornam-se mais valiosos à medida que os sistemas de IA se expandem, e não menos. Quando essas capacidades são apoiadas, a IA pode melhorar a aprendizagem, o julgamento e o cuidado. Quando são enfraquecidas — por meio da extração oculta de dados, automação excessiva ou ambientes digitais mal governados — o bem-estar se deteriora, a confiança se corrói e o risco social se acumula...».

Guardian — «Às 2 da manhã, parece que há alguém lá»: por que os nigerianos estão a escolher chatbots para lhes dar conselhos e terapia

<https://www.theguardian.com/global-development/2026/feb/12/nigeria-mental-health-ai-chatbots-psychiatry-therapy-depression-privacy>

«Com muitos sem acesso ou sem condições financeiras para pagar terapeutas qualificados, a IA está a preencher o vazio dos cuidados de saúde mental, em meio a pedidos por uma regulamentação mais rígida..»

Direitos sexuais e reprodutivos

The Conversation - O controlo das mulheres sobre a fertilidade está ligado à educação, dinheiro e acesso digital - estudo de 16 países africanos

T O Michael et al ; <https://theconversation.com/womens-control-over-fertility-is-linked-to-education-money-and-digital-access-study-of-16-african-countries-274291>

«... o que acontece quando **estas três forças** – educação, autonomia económica e acesso digital – são analisadas em conjunto em vários países...» Confira as conclusões.

Plos GPH – Associações entre a insegurança hídrica e os resultados de saúde reprodutiva entre adolescentes e mulheres jovens na África Subsaariana

<https://journals.plos.org/globalpublichealth/article?id=10.1371/journal.pgph.0005978>

Por A Bawuah et al.

Acesso a medicamentos e tecnologia da saúde

Journal of Global Health – Investigação e desenvolvimento (I&D) colaborativos internacionais sobre medicina tradicional e seus fatores contextuais: uma análise transversal de 1996 a 2022

<https://jogh.org/2026/jogh-16-04029>

Por Yinuo Sun et al.

Descolonizar a saúde global

Cuidados de saúde - Uma revisão exploratória das histórias da saúde africana desde a era pré-colonial até à era dos ODS: perspetivas para os futuros sistemas de saúde

H Karamagi et al; <https://www.mdpi.com/2227-9032/14/2/147>

“Esta revisão exploratória tem como objetivo examinar sistematicamente a extensão da literatura sobre as histórias da saúde africana ao longo dos períodos pré-colonial, colonial, pós-independência, cuidados de saúde primários (PHC), Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (MDG) e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (SDG)....”

Conflito/Guerra e Saúde

SSM Health Systems - Fortalecimento da capacidade de investigação em contextos frágeis e propensos a choques: insights de um consórcio de investigação

J Khalil, J Raven et al; <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2949856226000243>

O reforço da capacidade de investigação (RCS) é reconhecido como um elemento crítico para melhorar os sistemas de saúde através de conclusões e recomendações de investigação contextualizadas. No entanto, o RCS continua a ser uma lacuna crítica no campo da Investigação em

Políticas e Sistemas de Saúde (HPSR), especialmente em contextos frágeis e propensos a choques que enfrentam desafios únicos que limitam ainda mais a capacidade de investigação. O consórcio ReBUILD for Resilience (ReBUILD), que opera no Líbano, Mianmar, Nepal e Serra Leoa, procurou reforçar a capacidade de HPSR a nível individual, organizacional e comunitário. Este artigo reflete sobre as abordagens de RCS do consórcio ReBUILD, analisando estratégias e lições aprendidas...»

Nature Health - Integrando a justiça epistémica na investigação global sobre o cancro

M S Patel et al ; <https://www.nature.com/articles/s44360-025-00047-0>

«Os sistemas atuais de investigação sobre o cancro marginalizam o conhecimento dos países de rendimento baixo e médio, onde ocorrerá a maioria dos casos futuros de cancro, privilegiando as evidências dos países de rendimento elevado e muitas vezes ignorando os conhecimentos locais e as necessidades específicas do contexto.»

IA e saúde

Nature Health - Grandes modelos de linguagem para apoio à saúde na linha da frente em contextos com poucos recursos

<https://www.nature.com/articles/s44360-025-00038-1>

Cfr um **estudo no Ruanda**. «... as conclusões apoiam o potencial dos LLMs para reforçar a qualidade dos cuidados de primeira linha em sistemas de saúde multilingues e com poucos recursos.»

Diversos

CGD (blog) - O colapso global no financiamento para a insegurança alimentar

C Kenny; <https://www.cgdev.org/blog/global-collapse-funding-food-insecure>

“Num planeta que produz mais alimentos por pessoa do que nunca, é uma mancha moral que tantas pessoas ainda sofram de desnutrição ou enfrentem o risco de fome. E, **se mantida, a recente queda no financiamento humanitário global de US\$ 37 bilhões em 2024 para US\$ 21 bilhões em 2025 só aumentará esse risco de fome. Mais urgentemente, as crises alimentares esquecidas na África, no sul da Ásia e na América Central devem ser abordadas...**”.

“...Embora o nível global de insegurança alimentar tenha permanecido praticamente constante desde 2022, o financiamento humanitário diminuiu rapidamente, inclusive para os países onde vivem pessoas em situação de insegurança alimentar. Entre 2019 e 2024, cada pessoa adicional na fase 3 ou superior do IPC estava associada a esse país receber uma média de US\$ 73 em apoio humanitário adicional. Em 2025, esse valor caiu para US\$ 38....”

Brookings - O presente e o futuro da desigualdade global

J C Cuaresma, H Kharas et al ; <https://www.brookings.edu/articles/the-present-and-future-of-global-inequality/>

PS: este comentário original foi **publicado pela primeira vez pelo World Data Lab** em 20 de janeiro de 2026.

Artigos e relatórios

Globalização e saúde - Abordando a equidade global em saúde por meio de redes colaborativas globais de evidências: uma revisão narrativa da literatura sobre modelos de governança, poder e participação

B Pilla et al; <https://link.springer.com/article/10.1186/s12992-026-01192-1>

«Esta revisão examina criticamente as dimensões conceituais, estruturais e de governança das Redes Colaborativas Globais de Evidências para avaliar o seu potencial e limitações no avanço da Equidade Global em Saúde...».

OMS – Ampliação de inovações nos sistemas de saúde pública: orientações e kit de ferramentas

<https://www.who.int/publications/i/item/9789240120761>

«As orientações e o kit de ferramentas da Organização Mundial da Saúde para ampliar inovações nos sistemas de saúde pública oferecem uma estrutura prática e baseada em evidências para ajudar os governos a liderar, coordenar e sustentar a ampliação de inovações em saúde — especificamente, para conduzir uma transição de projetos-piloto promissores para a adoção em todo o sistema, com base nos princípios de fortalecimento do sistema de saúde e apropriação nacional. Ele foi projetado principalmente para ministérios, agências nacionais e subnacionais e instituições do setor público envolvidas na saúde pública.»

«... As orientações descrevem três abordagens estratégicas para a ampliação: esforços diretivos para que isso aconteça, processos colaborativos para ajudar a que isso aconteça e condições favoráveis para permitir que isso aconteça. Além disso, identificam sete funções críticas que os atores governamentais desempenham na ampliação das inovações em saúde. Três processos interligados (e um conjunto de ferramentas relacionado) liderados por entidades do setor público formam o núcleo operacional da ampliação da inovação: explorar, adaptar e aprender...»

Organização - Especialistas tóxicos no negócio da longevidade: uma estrutura relacional multinível da emergência

A Merghen, T Greenhalgh et al; <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/13505084251379172>

Neste artigo, apresentamos e teorizamos o **conceito de especialistas tóxicos** como **indivíduos que, em virtude da sua experiência percebida ou real, se envolvem sistematicamente em comportamentos caracterizados por vícios profissionais e intelectuais**. Apesar de manterem uma aparência de legitimidade, os especialistas tóxicos exploram a confiança pública, disseminando alegações infundadas, enganosas ou prejudiciais para obter ganhos pessoais e comerciais. Com base numa estrutura multidisciplinar, integramos diversas perspetivas para explicar como a experiência tóxica surge e persiste. Especificamente, combinamos perspetivas éticas e epistémicas que distinguem a especialização genuína da deturpação oportunista...»

Desenvolvimento – Editorial: O poder do pêndulo: religiões e desenvolvimento num mundo globalizado

N Denticco; <https://link.springer.com/article/10.1057/s41301-025-00477-z>

Editorial de uma edição. Conclusão: **“A metáfora do pêndulo, conforme ilustrado nos artigos desta edição, representa bem o contorno problemático de todas as religiões, incluindo aquelas abençoadas com um legado histórico mais leve e uma percepção social mais benevolente.** A dicotomia entre espiritualidade e realidade, entre desenvolvimento secular e materialista e busca religiosa não mundana, pode ser resolvida, como apontam os autores, cultivando um maior senso do sagrado em todas as coisas e seres. **Assim como precisamos descolonizar as religiões e a fé, precisamos libertar o desenvolvimento de sua visão antropocêntrica persistente.** Somente quando reconhecermos a unidade essencial da vida, interconectada em todas as suas formas e epistemologias, veremos a religião, a fé e o desenvolvimento como um todo integrado.”

HP&P - Especialistas interessados no papel da investigação qualitativa nas diretrizes da Organização Mundial da Saúde

Melissa Taylor et al; <https://academic.oup.com/heapol/advance-article/doi/10.1093/heapol/czaf105/8472636?searchresult=1>

«Apesar de reconhecerem o valor da investigação qualitativa, as partes interessadas concordaram que ainda há potencial para uma utilização mais sistemática da investigação qualitativa no desenvolvimento das diretrizes da OMS. As diretrizes clínicas são frequentemente formuladas de forma simplista. Para algumas questões, isto pode ignorar o contexto social mais amplo. Um dos valores da investigação qualitativa está relacionado com a «informação contextual», mas ainda não foi delineado exatamente como isso é alcançado..»

“...Entrevistámos 16 participantes e **identificámos três temas**: (i) os inquiridos apoiaram a utilização dos resultados da investigação qualitativa no desenvolvimento das diretrizes da OMS e destacaram exemplos em que esta abordagem tinha sido útil; (ii) as questões de recomendação no processo de diretrizes baseiam-se na tomada de decisões clínicas, que por vezes podem estar demasiado distantes dos contextos sociais para problemas de saúde mais amplos; (iii) a utilização dos resultados da investigação qualitativa para ajudar a delinear o contexto tem um papel potencial mais importante nas diretrizes. **Interpretamos estes resultados como indicando que a investigação qualitativa poderia ser utilizada de forma mais sistemática, particularmente para informar um enquadramento mais amplo de um problema de saúde ou, posteriormente, nas recomendações, para se adaptar a contextos específicos...»**

Tweets (via X, LinkedIn e Bluesky)

Themrise Khan

“Há um silêncio mortal e totalmente esperado por parte de todos aqueles na comunidade #globalhealth e #internationaldevelopment que se beneficiaram do financiamento da Fundação Gates na sequência dos #epsteinfiles. Recusei-me consistentemente a aceitar qualquer financiamento de Gates devido à sua atitude condescendente em relação aos marginalizados do mundo, aos seus comentários sobre #África, ao seu lobby consistente junto dos governos para seu próprio benefício e à sua busca incessante pelo poder. E, claro, a #filantropia bilionária. E isso foi muito antes de o seu nome sequer ser mencionado em relação a Epstein. Mas agora, após a sua maior exposição na recente divulgação de ficheiros, não consigo entender por que razão alguém que aceitou o seu financiamento continuaria a aceitá-lo com uma cara séria. Isso significa que, na verdade, não importa de onde vem o dinheiro para todos no setor. Mesmo que venha de alguém que se envolveu abertamente com um pedófilo e violou as normas de #igualdade de género e #saúde que a sua filantropia aparentemente defende.

Isso diz muito sobre querer «fazer o bem» pelo mundo.

Yanzhong Huang

«À medida que os Estados Unidos se retiram da OMS, a China está pronta para emergir como o principal contribuinte avaliado da agência — no entanto, Pequim optou por uma abordagem moderada e cautelosa para preencher a lacuna financeira resultante. 1 / 4 Com a saída de Washington, Pequim seria responsável por aproximadamente 20% do financiamento avaliado da OMS, tornando-se o maior contribuinte estatal. Mesmo assim, as contribuições avaliadas ainda não constituiriam mais de 30% do orçamento total da organização para 2026. 2/4 A delegação chinesa assumiu um papel ativo nas 154.^a e 156.^a sessões do Conselho Executivo, manifestando o seu apoio ao papel da OMS na governação global da saúde e defendendo uma «comunidade partilhada de saúde para a humanidade». 3 / 4 Apesar da sua posição elevada, Pequim não demonstrou qualquer intenção de colmatar o défice financeiro deixado pelos Estados Unidos. Na verdade, a China foi um dos dois únicos Estados a expressar novamente a sua oposição ao aumento de 20% nas contribuições avaliadas para 2026 — um aumento acordado em princípio em 2022 como parte de um plano gradual para aumentar o financiamento dos Estados-Membros para 50% do orçamento da OMS até ao final da década. 4/4.

Leah Libresco Sargeant

“O CEO da Moderna anunciou que a empresa não investirá mais em novos ensaios clínicos de fase 3 para vacinas contra doenças infecciosas: ‘Não é possível obter retorno sobre o investimento se não se tem acesso ao mercado dos EUA’. As vacinas contra o vírus Epstein-Barr, herpes e zona foram arquivadas.”

Podcasts

Pioneiros com Garry: Uma conversa com Axel Pries

<https://www.youtube.com/watch?v=2BME7DTYhdI>

“Para este episódio, Garry conversou com Axel Pries durante a Cimeira Mundial da Saúde, realizada em Berlim em outubro de 2025. Axel é o presidente da Cimeira Mundial da Saúde, com sede na Alemanha. Ele é médico de formação e professor de fisiologia, com uma longa carreira que abrange pesquisa, academia e liderança. Juntos, eles exploraram como a Cimeira Mundial da Saúde está a trabalhar para transcender silos em uma saúde global e os valores compartilhados necessários em um mundo em mudança e por que uma boa comunicação é essencial para moldar a narrativa da saúde global do futuro.”